



PREFEITURA DA CIDADE DO SALVADOR
ORGÃO CENTRAL DE PLANEJAMENTO - OCEPLAN

*A digitalização deste documento não foi feita na íntegra.
Seis plantas de dimensões não compatíveis com o
scanner, não puderam ser digitalizadas.*

PARQUE METROPOLITANO DE ITAPUÃ



[1976?]

CTL-105

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
2350	26, 10, 92	
N.º Reg.	Data	

PARQUE METROPOLITANO DE ITAPUÁ - PLANEJAMENTO PAISAGÍSTICO

RELATÓRIO ANALÍTICO

ARILDA CARDOSO DE SOUZA

AZIZ N. AB'SABER

FERNANDO MAGALHÃES CHACEL

HELIDORIO SAMPAIO

LUIZ EMYGDIO DE MELLO FILHO

SEDI HIRANO

VERA MARIA ARANHA SEVERO

WALDECK VIEIRA ORNELLAS

Í N D I C E

- I - INTRODUÇÃO
- II - ASPECTOS BOTÂNICOS
- III - CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ECOLÓGICO
ASPECTOS FISIAGRÁFICOS E GEOMORFOLÓGICOS
- IV - ASPECTOS SÓCIO CULTURAIS
- V - CONCEPÇÃO DO PARTIDO PAISAGÍSTICO DO
PARQUE METROPOLITANO DE ITAPUÃ
- VI - PROPOSTA PARA AGENCIAMENTO DA ÁREA DO ENTORNO
DA LAGOA DO ABAETÉ.
- VII - NORMAS E DIRETRIZES DE PAISAGISMO PARA FORMAS
DE INTERVENÇÃO NA ÁREA DO CINTURÃO DE PROTEÇÃO
DO PARQUE METROPOLITANO DE ITAPUÃ

Com o objetivo plenamente configurado de ofertar à população de Abaeté, Itapuã e suas áreas circunvizinhas e também à população metropolitana de Salvador, e indiretamente às de outros estados brasileiros bem como aos turistas forâneos, um parque-combinado composto por um acôrvo - e ecológico de um lado, e de outro por um centro de lazer e recreação, o OCEPLAN Órgão Central de Planejamento da Prefeitura de Salvador- contratou os serviços especializados de consultoria técnica em paisagismo, em geomorfologia, em botânica e em ciências humanas.

Primariamente, a idéia central e portanto norteadora dos estudos em suas etapas iniciais foi a recuperação paisagística, geomorfológica, botânica e a relação dos agentes sociais nesta biosfera natural. Esta idéia básica atuou como suporte geratriz do objeto de nossos estudos: o tombamento do acôrvo ecológico constituído por um conjunto de elementos naturais que integram o patrimônio de uma cidade, de um estado e de uma nação e acima de tudo, de toda a humanidade.

Nas etapas de inventário e diagnose foram realizados estudos de campo nas quatro áreas de conhecimento:

A) BOTÂNICA

Caracterização das formas de distribuição e das diversidades fitogeográficas.

Amostragem da cobertura vegetal "in loco" com levantamento por observação direta da realidade vegetal existente.

Detalhamento de um setor- contorno da Lagôa do Abaeté e dunas circundantes - para conhecimento mais específico das associações que compõem o mosaico vegetal da área. Influência autrópica sobre a cobertura vegetal.

B) GEOMORFOLOGIA

Caracterização do espaço elaborado pela natureza e a diversidade morfológica do relevo do ambiente ecológico. Identificação dos principais elementos fisiográficos, sua extensão e a interação dos fenômenos, sua gênese e a dinâmica destes objetos naturais identificados.

A inserção dos fenômenos fisiográficos no contexto metropolitano e a ação predatória dos agentes sociais que personificam o capital imobiliário e os respectivos artefatos de

consumo urbano, e a ação destrutiva destes objetos materiais provocando riscos ecológicos irreversíveis na paisagem natural.

C) CIÊNCIAS HUMANAS

Caracterização da ação produtiva humana, reprodução dos homens em conúbio direto com a natureza. A gênese dos mitos e das representações simbólicas. A ação produtiva dos homens condicionada pela natureza.

Caracterização do comportamento humano por faixas etárias. Condicionamento do homem e a sua dependência em relação aos artefatos urbanos. Conceituação de parque ecológico e de lazer. Carência e tempo excedente.

Considerações gerais em relação aos equipamentos e especificações de funções.

D) ARQUITETURA DA PAISAGEM

Paisagem natural e sua relação com os principais assentamentos urbanos existentes no entorno, estado atual das intervenções humanas - equipamentos urbanos existentes e respectivas tramas viárias. Estrutura fundiária e uso do solo. Caracterização de elementos intervenientes predatórios da paisagem geográfica e da botânica regional. Preservação e recuperação do acervo ecológico.

A articulação destas quatro áreas de conhecimento resultaram na definição do objeto público a ser oferecido a população de Salvador: Parque Metropolitano de Itapua.

Nos capítulos subsequentes apresentaremos os resultados de nossas investigações. No capítulo II - CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO REGIONAL DE ABARETÉ- ITAPUA- Síntese dos fenômenos Botânicos. Nesta parte serão resumidos os dados obtidos pela análise aerofotogramétrica e pela pesquisa de campo, ressaltando, ao mesmo tempo, a decomposição da paisagem fitogeográfica através da atividade humana, ou seja: a propriação do ambiente ecológico pelos grupos sociais.

No capítulo III - CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ECOLÓGICO - ASPECTOS FISIOGRAFICOS E GEOMORFOLÓGICOS - serão relatados descritiva e analiticamente os principais elementos físicos, realçando a necessidade de se preservar o acervo ecológico, definindo as diretrizes, de atuação política dos poderes públicos com o objetivo de impedir a retaliação e a destruição da paisagem geoecológica que forma uma unidade especial e diferenciada da natureza regional.

Em outras palavras: estabelecimento de uma política racional e planejada de preservação e utilização dos recursos naturais, conciliando desenvolvimento com conservação da natureza, encarnada na idéia de Parque Metropolitano de Itapua em Salvador.

No capítulo IV- CONCEITUAÇÃO GERAL DO PARQUE METROPOLITANO - ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS, destacaremos a relação do homem com a natureza, as formas de produção econômico-social, e o ambiente natural, a natureza conformando a atividade social e cultural, a produção e a reprodução humana e aspectos demográficos.

Conceituação do Parque Metropolitano tendo como pressupostos a natureza, a produção social e cultural e o homem como agente social, ator e autor, sujeito e objeto do Parque Metropolitano.

O Parque enquanto um equipamento de lazer e recreação e enquanto um acervo ecológico: os elementos de realização desta dupla finalidade.

No capítulo V - CONCEITUAÇÃO DO PARTIDO PAISAGÍSTICO DO PARQUE METROPOLITANO DE ITAPUA, a partir dos estudos realizados pelas diversas áreas de conhecimento.

Nos capítulos anteriores irá se constatar que quando o homem se apropria da natureza de uma forma indiscriminada, mesmo que a comunidade humana se beneficie deste processo de transformação dos objetos naturais para preencher as carências e as necessidades sociais imediatas, a médio e a longo prazo, ocorreria uma defasagem irremediável entre o homem e a natureza.

No planejamento paisagístico do Parque Metropolitano de Itapua, partimos do pressuposto de que a inter-relação dinâmica entre os organismos e seu meio ambiente é essencial e necessária para a normalidade biológica, social, cultural e psicológica dos seres humanos que vivem, trabalham, produzem, reproduzem, moldam, elaboram e reelaboram no cotidiano das grandes metrópoles o processo vital que resulta no processo da vida social em uma determinada sociedade. Daí resultou a idéia de preservação ecológica da área de Itapua colocando o homem urbano como parte integrante e portanto beneficiário: preservar a natureza para que a qualidade de vida dos seres humanos seja preservada.

Preserva-se a qualidade e o padrão de vida disciplinando a utilização dos recursos naturais - solo, manancial hídrico, vida vegetal e animal, ar, etc.

Preserva-se mensurando as condições de equilíbrio entre os organismos vivos vegetais e animais, os seres humanos e o meio ambiente em íntima e afetiva interdependência cada qual formando parte indispensável.

O problema ecológico ou o desequilíbrio ecológico ocorre quando se rompe a harmonia entre os organismos pela destruição, fenecimento ou morte de um dos elementos componentes do quadro ecológico pela ação irracional e imediatista dos seres humanos, ou provocados por catástrofes naturais.

Em outras palavras propugna-se, nos nossos estudos sobre o Parque Metropolitano de Itapua, por um valor cultural, ético, moral, social, e porque não dizer, também por um valor econômico sobre o estilo metropolitano de vida social, disciplinando a utilização do solo com o máximo valor e racionalidade para que os carecimentos e as necessidades humanas sejam preenchidas de uma forma orgânica, harmônica e equilibrada.

2

Estes carecimentos e estas necessidades humanas: além das necessidades primárias tais como a alimentação e repouso, existem as necessidades socialmente produzidas tais como as habitações de ostentação que revelam estilos de vida, as necessidades de lazer, recreação social, e cultural.

O Parque Metropolitano de Itapua, concebido como um parque combinado de preservação ecológica e de recreação e lazer, aloja dentro de uma totalidade onde se articulam os elementos naturais vitais e os elementos sociais, a unidade e diversidade.

A unidade se realiza a partir da idéia de qualidade e do padrão de vida metropolitanos, portanto como um acervo popular, ou seja: pertencem à população em geral.

A diferenciação se realiza a partir do consumo que é sempre um momento individual e particularizado.

O projeto do Parque Metropolitano de Itapua objetiva um interesse comum que integra a intenção do administrador público a aspiração da população em geral, e ao mesmo tempo, preenche os requisitos do ideal democrático, quanto à diversidade de aspirações e de interesses, conforme as faixas etárias e nível de formação a que pertencem a população.

A ocupação do Campo de Dumas de Itapua, por assentamentos residenciais, através de loteamentos extensivos- apenas geometricamente diferenciados- equivaleria à falência total do planejamento ecológico em nosso país.

Compreende-se a pressão das companhias loteadoras e dos grupos econômicos no loteamento das áreas especiais, independentemente de planos de integração urbanística. Mas, não se pode, de modo algum para um caso como a área das dumas de Itapua, tolerar-se uma investida maciça dos interessados, contra uma unidade especial e diferenciada da natureza regional.

A Lagoa do Abaeté e as dumas de seu entorno foram incorporadas ao cancionário popular da Bahia e do Brasil.

Participaram da propaganda paisagística que fizeram de Salvador uma cidade conhecida internacionalmente.

E, bruscamente, em massa, os responsáveis por loteamentos especulativos pretendem tamponar a paisagem, indiferentes ao destino global da natureza.

É compreensível que contra isso reajam todos os que se dedicam ao paisagismo ecológico neste país.

No capítulo VI- PROPOSTA PARA AGENCIAMENTO DA ÁREA DO ENTORNO DA LAGOA DO ABAETÉ, tratamos especificamente da intervenção paisagística neste local, desenvolvida a nível de ante-projeto.

A proposta partiu do inventário fisiográfico e da análise das intervenções antrópicas na área procurando sempre valorizar os aspectos e recursos naturais do local.

No capítulo VII - NORMAS E DIRETRIZES DE PAISAGISMO PARA FORMAS DE INTERVENÇÃO NA ÁREA DO CINTURÃO DE PROTEÇÃO foram definidos os cuidados necessários quanto às intervenções e implantações na faixa do cinturão com vistas à preservação da cobertura vegetal da área e da estrutura superficial da paisagem.

II - CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO REGIONAL DE ABAETÉ- ITAPUÃ SÚMULA DOS FENÔMENOS

As massas de vegetação sediadas no contôrno da lagôa do Abaeté e nas dunas que a circundam se apresentam constituídas de resíduos de vegetação natural profundamente modificada pelas intervenções e influências antrópicas. Do ponto de vista sucessível (seral) o desenvolvimento se opera numa "hydrosere" alogênica partindo das comunidades lacustres até as cristas das dunas. Considerada fisionomicamente, a vegetação é heterogênea, com predominâncias de formas arbustivas e subarbustivas, em maioria peronifolias. Não há sinais de restrição de água e o solo escavado a baixo da camada superficial dessecada pela evaporação se apresenta molhado e fresco.

Os testemunhos arbóreos amiude presentes (Vo chysia sp.) indicam que a vegetação natural potencial da região seria uma mata de restinga com predominância de espécies psamofíticas. A fisionomia geral é afetada pela presença de formas definidas e marcantes como sejam cactáceas, palmeiras e trepadeiras. A secundarização da vegetação é consequente a um longo período de intervenções humanas através de retirada de madeira (principalmente lenha), queimadas nos períodos de estiagem, trânsito de veículos, animais e pedestres, construção de habitações, cultivos rudimentares e outros usos de menor significação (lavagem de roupa, caça, atos ligados a credices, brincadeiras infantis, passeio, etc.). O fato é que a medida que aumenta o uso humano da área a cobertura vegetal vai rareando, parcelando-se em massas isoladas, diminuindo de porte e reduzindo-se quanto ao número de espécies vegetais presentes.

Caminhando-se no sentido do aeroporto, encontramos outros núcleos de vegetação melhor conservadas e com acentuada diminuição da fricção de uso. Aí a vegetação é caracterizada pela presença de mata de restinga com suas espécies assinaladoras (Pitangueiras, Guriris, Bromélias e abundância geral de mirtáceas). Na orientação escolhida quando se atinge as vizinhanças do aeroporto, entre a lagôa de Iemanjá e as primeiras pistas, encontra-se a massa de vegetação melhor conservada. Tal situação decorre da proteção consequente da segurança do aeroporto, da carência de acessos e da irregularidade de topográfica. A vocação natural desse trato será a de permanecer como zona tampão do aeroporto, função não colidente com o seu uso.

No decorrer do levantamento foi possível reconhecer a frequência dos danos à paisagem, consequentes das agressões tanto no relvado, quanto na vegetação.

O que foi notado consiste principalmente de queimadas, de circulação de máquinas pesadas (tratores de esteiras), destruindo a vegetação, interferindo na drenagem superficial e provocando o aparecimento de sulcos de erosão.

10

Outra fonte de danos reside na passagem do jipes nos taludes provocando o fenômeno de flexão da areia para o interior da Lagoa, aumentando o assoreamento.

De modo geral o desmatamento conduz a reativação das dunas que em alguns trechos se encontram em franca movimentação, soterrando a vegetação, edificações e invadindo as duas lagoas que existem na gleba.

Uma delas, a de menor superfície, já está a ponto de ser cortada ao meio pela duna reativada.

Nos adensamentos, encontramos representantes arbóreos que permitem caracterizar a vegetação potencial local como um subtipo de floresta atlântica (mata de restinga).

Entretanto a retirada de lenha tem descaracterizado a vegetação local e apenas através do exame de árvores testemunhos é possível uma reconstituição aproximativa da vegetação original, como reserva biológica e área de pesquisas.

Com efeito, a proposição acima se liga a uma definição mais geral e com repercussões no planejamento do Recôncavo como uma grande unidade socio-econômica e socio-cultural, a mata de restinga que é por si mesma um inestimável valor em matéria de equipamento paisagístico e de potencialidade de lazer. Nesse contexto é de maior importância regional que testemunhos desse tipo de vegetação sejam conservados para uso e informação das gerações presentes e futuras e numa longa visão prospectiva como banco genético para uso paisagístico e de remanejamento da cobertura vegetal das terras.

A presente proposição advoga assim a implantação nessa região de um Centro de Pesquisas que com base no plantel científico da Universidade da Bahia, permitirá a correta gestão desse patrimônio ecológico.

O Centro de Pesquisas indicado contribuiria para o conhecimento geográfico e biológico do sistema, para a capacitação de pessoal que irá prestar serviços em outras áreas e em outros projetos do processo de desenvolvimento do Estado da Bahia, sem o que as possibilidades de erro ou destruição indevida irão onerar os custos econômicos e sociais desses empreendimentos.

Deverá ser prevista uma faixa de transição entre as áreas urbanizadas envoltentes do Parque e suas áreas específicas de preservação ou de lazer, que poderá ser concebida como uma zona de uso comunitário limitado. Em sua função limitante seriam utilizados, de modo flexível e com intenção paisagística integrativa, elementos topográficos e massas arbustivas orientando o movimento do pedestre.

O mosaico das superfícies ocupadas e das áreas livres seria marcado pela presença de massas residuais de vegetação, associadas a massas plantadas com predominância de elementos regionais, assegurando uma passagem gradual dos plantios jardinerísticos próprios das áreas urbanizadas às massas de vegetação protegidas das áreas de parque, e de reservas.

Especial menção deve ser feita ao extremo norte do Parque numa área que se estende entre as pistas do aeroporto e a

linha do litoral, atingindo a divisa do Município de Lauro de Freitas. O fato de não estar ainda afetada por loteamentos, de estar em condições aproximadamente naturais e de servir como Zona Tampão do aeroporto milita em favor de sua incorporação ao Parque e de sua utilização como reserva de flora e fauna, permitidos apenas e criteriosamente alguns usos extensivos.

A proposta considera extremamente importante a preservação de uma " transeet" que documente o processo sucessional de colonização a partir da linha de fluxo e refluxo das marés até as dunas mais elevadas. O próprio "transeet" aqui referido seria com vantagem implantado nessa área numa posição obliqua à linha do litoral, aproximadamente e paralela à pista principal do aeroporto.

Dentro do contexto geral da gleba do Parque Metropolitano de Itapua foi destacado para um exame mais detalhado e para a análise dos componentes significativos do ponto de vista paisagístico, um setor que corresponde ao contorno da Lagôa do Abaeté e as dunas que a circundam.

Esta área foi escolhida por ser, dentro do plano ora em elaboração, a primeira a ser desenvolvida a nível de ante projeto.

O entorno da Lagôa do Abaeté, constitui uma área privilegiada da cidade de Salvador, extremamente valorizada do ponto de vista de lazer, pela posse de valores cênicos e topográficos que associados a uma tradição do local a que não falta uma componente folclórica, constituem um centro de interesse social e comunitário.

Tal razão valoriza o complexo vegetal ainda existente, embora bastante prejudicado pelos maus usos, oferece uma base para a estruturação de uma área de parque recebendo valores derivados de base geográfica que em conjunto com os equipamentos tecnológicos a serem definidos no projeto paisagístico permitirão o atingimento do objetivo visado.

Na área do Abaeté se mesclam elementos da floresta Atlântica e dos tabuleiros do nordeste. Essa consideração é importante porque ela corresponde sobretudo a uma diversificação de vegetação sob a influência de fatores principalmente de natureza edáfica.

A vegetação dos tabuleiros é marcada especialmente pela presença de alguns componentes arbóreos como Hancornia speciosa (mangabeira), Kielmeyera sp e Curatella americana (lixeira).

Das três, a mangabeira possui maior valor paisagístico pela elegância de seus ramos pendentes.

As amostragens feitas em diferentes locais permitiram estabelecer, para fins de prospecção três áreas que serão consideradas individualmente. Temos assim uma área (Área 1) situada a esquerda da Lagôa correspondendo o platô ocupado pelo Mirante e seus acessos bem como os pendentes que circundam essa elevação.

No fundo da Lagôa há uma área, (Área 2), com relevo mais diversificado comportando uma sucessão de taludes e topos, configurando as maiores

17
elevações (cota 55). É a parte mais imune às intervenções humanas e onde se encontram os adensamentos de vegetação mais significativos. Uma terceira área (Área 3) se distribui para a direita da lagôa, avançando até o contacto com a Área 2 de qual se separa por um talvegue natural.

Nesta área a vegetação assumiu uma distribuição insular com grupos vegetais separados por faixas de areia livre e movimentada por efeito dos ventos e em alguns lugares fluindo pelos pendentes e chegando a escorrer para dentro da lagôa. Nessa parte os danos à vegetação são causados pela circulação mais intensa de turistas, pelo tráfego de jipes e pela movimentação da areia que em muitos pontos soterra a vegetação.

Na área 1 as espécies arbóreas mais significativas, afóra os elementos do tabuleiro já mencionados, são o cajueiro - Anacardium occidentale, aroeira - Schinus terebenthifolius, um Chrysophyllum - (Sapotaceae), uma árvore de excepcional valor paisagístico, sobretudo no período que precede a queda das folhas, quando assume colorido amarelo intenso o Ficus nymphaeifolia, uma Annonaceae - Xylopia sp.; uma Burseraceae - Tetragastris sp., Rapanea sp. (Myrsinaceae) e, uma outra espécie de Ficus, F. pulchella, também grandemente ornamental.

A componente arbustiva e subarbustiva é representada por Solanum jurubeba, Davilla rugosa - (Dilleniaceae), Coccoloba sp., (Polygonaceae), Kyrcia trunciflora - (Myrtaceae) e Stachytarpheta dichotoma (Verbenaceae).

As pioneiras vegetais são representadas entre outras por Lantana camara e Waltheria polyantha.

Os elementos escultóricos presente são sobretudo palmeiras como o licurizeiro (Syagrus coronata) de folhas cerosas, a aricuririba (Arikuryroba schizophylla), palmeira delicada, e o dendê (Elaeis guineensis), palmeira africana naturalizada.

São frequentes as trepadeiras como por exemplo Oxypetalum sp. e Ditassa sp. (Asclepiadaceae), Ipomoea sp. (Convolvulaceae), Mandevilla sp. (Apocynaceae), Paullinia sp. (Sapindaceae), e Smilax sp. (Liliaceae), robusta trepadeira aculeada e vulgarmente denominada de "japacanga".

As cactáceas são representadas por Cereus fernambucensis e Hylocereus undatus.

Na área 2, as árvores significativas todas representadas por indivíduos de porte intermediário, são com frequência decrescente Rapanea sp., Inga sp. (Leg. Mim), Anacardium occidentale, Copaifera sp. (Leg. Caesalp.), Bauhinia sp. (Leg. Caesalp.), Lonchocarpus sp. (Leg. Pap.), Peltogyne sp. (Leg. Caesalp.), Guatteria sp. (Annonaceae), Lucuma mammosa (Sapotaceae), Diospyros sp. (Ebenaceae) e Cecropia adenopus (Moraceae), todas pertencentes ao elemento atlântico.

A flora dos tabuleiros é representada apenas por Kielmeyera sp. (Guttriferae).

Os arbustos mais importantes são Coccoloba sp., Pisonia sp. (Nyctaginaceae), Leucothoe sp. (Ericaceae), Humiria floribunda (Humiriaceae), Smilax sp. (Liliaceae) e Himanthanthus phagedenica (Apocynaceae).

As palmeiras encontradas são Attalea sp. (pindoba), Astrocaryum airi (airi) e Allagoptera sp. As trepadeiras são Trigonia sp. (Trigoniaceae), Mandevilla sp., Ditassa sp., Passiflora sp. (Passifloraceae).

A área 3, que é a mais percorrida pelos usuários da região do Abaeté , foi objeto de uma amostragem mais intensa que demonstrou a riqueza de sua composição florística.

O levantamento expedito realizado pela equipe de campo permitiu uma análise preliminar partindo das elevações de maior cota para os níveis inferiores.

Essas porções mais elevadas apresentam entre os componentes arbóreos de sua associação, seguindo o mesmo critério de frequência decrescente, os a seguir relacionados: Rapanea aff. guianensis , Anacardium occidentale , Peltogyne sp. , Bauhinia sp. , Inga sp. , Schinus terebenthifolius , Ficus sp. , Cecropia adenopus e Lucuma mamosa .

Já a componente arbustiva é representada segundo o mesmo critério por : Leucothoe sp. , Myrcia edulis (Myrtaceae), Pisonia sp. e Ouratea sp. (Cohnaceae) .

As caotáceas são representadas por Cereus farnambucensis e Melocactus sp. São comuns entre as trepadeiras Mandevilla sp. (com duas espécies) uma de flôr branca e outra de flôr amarela, Tassadia sp. (Asclepiadaceae) , Smilax sp. , Vernonia sp. (Compositae), Davilla rugosa , Dalechampia sp. (Euphorbiaceae) , Mikania sp. (Compositae) .

Entre as arvoretas são de mencionar Kielmeyera sp. e Annona sp. (Annonaceae) .

Na mesma área e em níveis mais baixos a vegetação apresenta uma composição florística mais diversificada, porém com repetição de elementos já assinalados .

Dentre as árvores, predominam por sua frequência, considerada ésta em sentido decrescente , Ficus spp. (ao todo foram encontradas 4 espécies de Ficus) , Rapanea aff. guianensis , Peltogyne sp. , Lucuma Mammosa , Schinus terebenthifolius , Pterocarpus sp. , Jacaranda sp. (Bignoniaceae) Anacardium occidentale , Pseudobombax , (Bombacaceae), Lonchocarpus sp. Bauhinia sp. , Inga sp. e Copaifera sp. .

Entre as arvoretas registram-se Annona sp. , Kielmeyera alba e Himantanthus sp. .

Os arbustos numericamente predominantes , são constituídos sobretudo pelos seguintes representantes do grupo : Pisonia sp. , Myrcia edulis , Byrsonima sp. , Coccoloba sp. , Vitex montevidensis , Leucothoe sp. , Ouratea sp. , Maytenus sp. e Casearia sp.

As palmeiras encontradas na área são Elaeis guineensis , Astrocaryum airi , Syagrus sp. e Allagoptera sp. .

O grupo das trepadeiras comparece com Smilax sp. , Fredericia sp. , Mikania sp. , Mandevilla sp. , Trigonia nivea , Strychnos trinervis , Davilla rugosa e Allamanda sp.

Dentre os componentes arbóreos alguns se destacam por seu crescimento, porte, copa textura foliar, floração e capacidade adaptativa integrada aos microclimas locais.

Aqui devem ser lembrados de imediato as diferentes espécies de Ficus presentes na área, especialmente F. catappaefolia , F. pulchella e o F. nymphaeifolia .

Outras árvores a mencionar são Rapanea , Tetragastris , as diferentes espécies de Inga , indicadas para pontos de maior umidade, Peltogyne sp. Copaifera sp. , Lonchocarpus sp. , Himantanthus plagedenica , Anacardium

33

occidentale , Schinus terebentifolius, Pseudobombax macrophyllum e Xylonia sp. .

Certos elementos, embora de grande valor paisagístico não serão aqui incluídos como por exemplo, Vochysia sp. pela dificuldade de obtenção de mudas.

Nos setores afetados pela vegetação de tabuleiro cabe a indicação do aproveitamento sobretudo de Hancornia speciosa e de Kielmeyera alba. A componente arbustiva será atendida pelo plantio de massas de Myrcia trunciflora, de Leucothoe sp. , de Humiria floribunda , de Ouratea sp. de Byrsonima sp. de Maytenus sp. e de Capparis sp. O elemento palmeira a ser aproveitado corresponde a Elaeis Guineensis , a Arykurioba schizophylla , a Syagrus comosa , a Allagoptera sp. e a Attalea sp. .

Com relação a diretrizes para a intervenção paisagística com referência ao manejo da vegetação, podemos dizer que a indicação inicial será de buscar em grau máximo a reconstituição da mata de restinga e, para tanto a intervenção paisagística deverá ser conduzida segundo linhas conservacionistas. Visando isto, procurar-se-á que os plantios de embelezamento e integração observem o aproveitamento criterioso dos elementos significativos da flora local, conforme indicados no item anterior e sempre com a possibilidade de ampliação da relação tentativa apresentada.

Para essa finalidade seria da maior conveniência que fosse feita a implantação de um horto no local ou, caso impraticável, fôsse aparelhado algum horto viveiro municipal para o cumprimento da tarefa de coleta, seleção e multiplicação dos materiais vegetais indicados.

Outra indicação reputada muito importante , seria a proibição de toda a circulação de veículos fora das superfícies pavimentadas, acompanhada naturalmente do disciplinamento do trânsito de pedestres, que ora é feito de maneira desordenada, através das massas de vegetação e em todas as direções. Sugere-se aqui que as trilhas assentadas no terreno acompanhem, sempre que possível, as curvas de nível.

Em determinados setores é imprescindível um trabalho de estabilização e contenção do movimento das areias a ser alcançado com o uso de proteções e obstáculos inertes e biologicamente ativos.

Todos os plantios de recuperação paisagística deverão dispor de um suporte tecnológico capaz de assegurar que em nenhum momento venham a sofrer de restrições de água.

Voltando á circulação de pedestres, deverão eles ser conduzidos através de trilhas, convenientemente locadas, e que ofereçam condições de acesso a um determinado número de pontos altos ou mirantes, e que por outro lado venham a permitir uma forma de circulação acompanhando a orla da Lagoa Abaeté.

O ideal seria que a periferia do parque fosse delimitada e isolada por obstáculos de uso social ou vedações internas.

A introdução de plantas e materiais exóticos, deverá sempre ser objeto

de consulta prévia, impedindo-se assim, a introdução de elementos indesejáveis.

O presente processo de reconstituição da flora do Abaeté dependerá muito para seu êxito, de um bom planejamento e de uma campanha de esclarecimento que mobilize as vontades humanas orientando-as em maneiras de ação.

5

III - CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ECOLÓGICO : ASPECTOS FISIOGRAFICOS E GEOMORFOLÓGICOS

As dunas de Itapuã constituem um dos setores mais notáveis do cordão geral do campo de dunas que se estende ao longo da fachada atlântica de Salvador em direção ao norte, até Sergipe. Trata-se de um cordão de dunas predominantemente longitudinal à costa, porém descontínuo em largura e alinhamento.

Os campos de altas dunas da Boca do Rio e as de Itapuã situadas no interior da área metropolitana de Salvador constituem dois sub-conjuntos, notáveis destacados do maciço geral das dunas costeiras da Bahia e Sergipe, há muito incorporadas a moldura do sítio urbano de Salvador: Boca do Rio em área de transição entre a metrópole interna e a metrópole externa atuais, e Itapuã na área da faixa de praias, onde a metrópole externa ganha terreno rapidamente devido as excepcionais qualidades ambientais da faixa de Salvador.

O Campo de Dunas de Itapuã forma o maciço arenoso protetor entre a área do Aeroporto 2 de Julho e a área residencial da faixa de praia, situada imediatamente ao norte de Salvador, sendo sua principal aglomeração urbana em bairro de "tipo terminal" constituído pelo núcleo de Itapuã.

Toda a beleza e força de atração visual da faixa de marinha de Salvador, está ligada a notável sucessão de feições naturais de sua fachada costeira.

Desde a Barra até o norte de Itapuã, observa-se uma composição onde se alternam pequenos quadros paisagísticos.

A partir da Barra destacam-se morros e colinas sob a forma de promontórios curtos com setores de abrasão, permeados por praias de pequena extensão, resguardadas por escolhos de recifes areníticos.

Piscinas naturais, irregulares, com águas rasas e cálidas, permanecem entre o estirancio das praias atuais e a velha praia fossil reduzida a escombros na altura da Barra.

Contornados alguns setores onde as colinas cristalinas tem contato direto com a linha da costa, estende-se um segundo setor de praias mais extensas e de estirancios mais largos, correspondentes ao principal sub-conjunto de praias residenciais da metrópole: Piatã e Amaralina.

O cordão de areia destas praias está encimado por um sub-conjunto de dunas baixas recentes, que serve de suporte aos graciosos coqueirais de praia, que já foram integrados à paisagem vegetal de Salvador.

Os coqueirais apresentam fortes vantagens paisagísticas sobre a restea de vegetação costeira original, podendo e devendo ganhar área e densidade nos planos futuros de espaços verdes metropolitanos sem maiores prejuízos do ponto de vista ecológico.

Os morros, escarpase colinas cristalinas que

formam o baixo maciço de Salvador - disposto sob forma de Largo Promontório entre a Bahia de Todos os Santos e a Fachada Atlântica - pertencem ao conjunto geral do domínio morfoclimático e fitogeográfico dos "mares de morros" florestados.

No entanto, a floresta atlântica de Salvador apresenta-se diferenciada por variáveis específicas da faixa de contacto triplíce, constituída pelo litoral tropical da área. Ali, todas as sub-unidades geomorfológicas e fitogeográficas estão mais ou menos condicionadas por factores sedimentológicos e pedológicos, além de variáveis hidrológicas específicas da costa: vegetação natural das dunas e restingas dos brejos encarcerados entre cordões de areia, manguezais das embocaduras frequentadas pelas águas salinas trazidas pelas marés.

No momento em que algumas iniciativas isoladas de loteamentos de carácter especulativo começam a ameaçar a preservação do principal campo de dumas existente na faixa marinha do espaço metropolitano de Salvador, é importante lembrar que este conjunto paisagístico de grande valôr possui grande fragilidade perante ocupações inadequadas. Em hipótese alguma poder-se-á abandonar o sub universo do espaço geográfico regional a iniciativa descontrolada e não dotada de qualquer espírito de auto integração dos loteadores comerciais.

Por mais notáveis que sejam os projetos tendentes a retalhar fatias de um campo de altas dunas, para efeitos de loteamentos com vistas a implantações residenciais, haverá sempre uma parcela de participação no sistema vigente da especulação imobiliária, que vem se assenhoreando de todas as iniciativas parciais de organização do espaço nas áreas metropolitanas externas das grandes cidades brasileiras.

Confunde-se no processo de partilhar as glebas, campos de dunas, fachadas praianas, setores de brejos, morros colinas e encostas, independentemente de sua constituição geológica, de sua hidrologia, de seus solos, de sua ecologia e originalidade paisagística.

Tomam-se sub-unidades geomorfológicas totalmente diferentes como um potencial de partilha, desligado de qualquer preocupação com o zoneamento mais lógico e racional de assentamentos urbanos, contribuindo para estimular iniciativas desaconselhadas e contra indicadas.

O Parque Metropolitano de Itapuã teve seu projeto centrado e inspirado na forte presença paisagística das lagoas encarceradas no entremeio das altas dunas costeiras da área de Itapuã.

A hidrologia especial vigorante nos campos de dunas costeiras responde pela existencia desse tipo específico de lagos evoluídos por altos cômoros por quase todos os quadrantes. Com suas águas azuladas escuras ou negras, inseridas por entre as pequenas depressões e sulcos eventuais que rebaixam o campo principal das dunas, as lagoas tipo Abaeté e Yemanjá, constituem-se em uma paisagem de excepcional beleza cenica, pelo contraste introduzido na paisagem geral.

dos côncavos do branco alvo comunicante das areias ligeiramente relvadas das dunas, e o verde das pequenas matas que tentam segurar as encostas das altas dunas, as quais opõem-se os tons azuis e negros das águas en^ucarceradas nas depressões interdunares.

O número de fatos que justifica a criação de um parque na área do Campo de Dunas de Itapua é fóra de série dentro do quadro geral do Sítio Urbano Metropolitano de Salvador.

Entre as justificativas básicas que dão apoio a ideia de transformação das dunas regionais em um parque de escala metropolitana, alinham-se as que se seguem:

1. O Campo de Dunas de Itapua é um quadro físico e biológico de exceção no conjunto do sítio urbano metropolitano, situado nos confins do seor da marinha na metrópole interna de Salvador.

Da Barra á Itapua todos os espaços costeiros, já foram comprometidos pela urbanização.

No inter-espaço entre Itapua e o Aeroporto, sob forma de área de proteção da própria funcionalidade aeroportuária, permaneceu agreste o campo de dunas de Itapua, contribuindo para garantir a aproximação e a segurança de vôo.

2. As dunas de Itapua com 50 a 70 metros de altura máxima, constituem um dos mais belos exemplos de acumulação de areias por processos eólicos costeiros, de todo o litoral brasileiro.

Entrementes, documentam ações fisiográficas do passado recente em termos geológicos e geomorfológicos.

Se forem destruídas ou adelgadas, jamais seriam recompostas, devido à incompetência dos processos eólicos atuais para a formação de altas dunas similares.

Se as areias locais forem remexidas ou artificialmente adelgadas, ou se as pequenas matas de suas encostas forem eliminadas, ocorrerá uma reativação residual das areias superficiais que poderá redundar em caminhamento das areias para os lados do Aeroporto, avenidas de acesso e outros assentamentos urbanos circunvizinhos, situados á retaguarda das dunas.

3. As pequenas matas das encostas das dunas altas e médias estão fragilmente instaladas sobre uma terra lixo, evoluida a muito custo, nos últimos 3.000 ou 4.000 anos.

Eliminadas as matas e raspadas as "terra-lixo" tal, como já se pôde observar em um dos loteamentos especulativos, de implantação rápida, feito na área, teremos perdido para sempre o único suporte geoeco, lógico para garantir um pouco de verde no entremeio dos cômodos.

4. O modelo de operações escolhido para implantar loteamento nas dunas, comporta raspagem da "terra-lixo", eliminação das matilhas agrestes e recobrimento da trama viária por terra vermelha de áreas de colinas e morros adjacentes.

Trata-se de um conjunto de operações exploratórias e altamente artificiais para recriar um sítio de valor especulativo no meio das dunas, fato que redundará num tamponamento total das acumulações eólicas, com eliminação do potencial paisagístico e ecológico que diferencia a região.

5. A cópia do modelo operacional através sucessivos loteamentos em glebas transversais ao campo de dunas redundará em um mero aproveitamento de uma "topografia" com eliminação total de um substratum paisagístico, a médio prazo.

6. Na área metropolitana de Salvador não existem mais sítios similares ao Campo de Dunas de Itapua, para a formação de parques dentro de limites razoáveis de distância e acesso.

A gleba a ser definida, do Parque Metropolitano de Itapua forma um quadro ecológico resultante da inter-relação dinâmica entre os organismos e seu meio ambiente.

A área apresenta um quadro físico de excepcional particularidade, marcada pelas dunas e lagoas, sucedendo-se nas franjas marítimas as praias residenciais e as praias de pequena extensão resguardadas por escolhos de recifes areníticos.

O objetivo básico do presente estudo é a conservação destes recursos naturais. A ideia de preservação se impõe na medida em que a ação predatória dos seres humanos a médio e a longo prazo resultará na desfiguração e provavelmente na destruição do conjunto ecológico.

Afirmamos no capítulo inicial que a proposta de preservação traduz a ideia de que o acervo ecológico é essencial e necessária e é um pressuposto da qualidade de vida dentro dos quadros da vida metropolitana.

Os estudos especializados da vegetação e da morfologia geográfica revelam que, ao longo do processo histórico, na ação produtiva e reprodutiva, os homens foram paulatinamente se apropriando da natureza, os meios de subsistência, os elementos de conservação humana, transformando a vegetação em combustível - através da retirada da madeira ou se utilizando dos elementos naturais para construção de habitações.

Sucederam-se outros tipos de intervenção humana como as queimadas, cultivos rudimentares e também as atividades de higiene pessoal, transformando as lagoas em tanques públicos, etc.

Nos primórdios da vida social, a produção social da comunidade se realizava na apropriação da natureza dentro dos limites da reprodução natural. Em outras palavras, a produção e reprodução humana e natural compassava harmonicamente, no mesmo ritmo, havendo espaços temporais para a própria reprodução natural e social.

A comunidade e a natureza se reproduziam numa relação de mútua interdependência. Na esfera da representação simbólica, os mitos, as crendices e basicamente a religião traduzia esta interdependência do homem e da natureza. Esta relação entre o homem e a natureza pode ser facilmente apreendida, por exemplo, a partir da Lagoa do Abaeté.

A Lagoa do Abaeté, pelas suas características naturais: a alvura das areias, a negritude das águas, as dunas branquejantes cobertas em suas encostas pelo verdecer das vegetações litorâneas e plantas marítimas, forma uma unidade paisagística com variações cromáticas vivas e contrastantes, nitidamente demarcadas pela decantada branquidade das areias, pelo negrume das águas e pela alvura das dunas que entranham o verdor da vegetação que circundam, ofertam aos seres humanos a diversidade de imagens e sensações que na sucessão do tempo histórico vão adquirindo as formas de crenças, crendices, lendas e mitos.

20

Esse universo simbólico resultante da relação direta e indireta do homem com a natureza revelam a importância que a Lagoa do Abaeté teve, tem e terá para os seres humanos que vivem das benesses do benevolente mundo natural.

Do intercuro entre o homem e a natureza, emergem os estatutos da mútua dependência.

Do homem que extrai a seiva natural para produzir e reproduzir-se enquanto homem. Da natureza que regenera produzindo e reproduzindo a vida natural. Nos primórdios da comunidade ali instalada, a lagoa oferecia à coletividade humana os produtos de subsistência tais como peixes e outros tipos de organismo vivo e naturalmente a água como matéria prima de uso diversificado. Ao redor desses elementos e conjugada com a fauna e a flora pré-existentes no entorno composto de vegetação e árvores de pequeno e médio porte, produziu-se uma vida comunitária e os artefatos sociais e culturais.

Da utilização do peixe como produto de alimentação humana formou-se o tipo social do pescador, e do pescador os serviços de pesca como uma modalidade de atividade econômica.

Dos cuidados com a higiene pessoal e familiar emerge a figura das lavadeiras.

Com a pesca se desenvolve o artesanato ou artefatos de pesca. Com as lavadeiras o encanto e o decantamento da limpidez d'água e a transformação das alvas areias do Abaeté em quaradouros de roupas que recobrem as suas praias formando um mosaico de cores.

Das figuras do pescador e das lavadeiras, estas últimas marcam a paisagem do Abaeté enquanto que a figura do pescador pelejando com o peixe para poder manter a subsistência da família praticamente desapareceu. O que subsiste são as pescas recreativas de fim de semana com pescadores amadores.

A diferença básica entre a pesca como atividade profissional e a pesca recreativa é que esta é praticada espontaneamente sem envolver deveres e obrigações ou coações de qualquer espécie, enquanto que a pesca como atividade profissional ou ocupação envolve a dualidade carência-subsistência e a satisfação das necessidades de sobrevivência podendo haver ou compreender obrigações e deveres morais e contratuais.

Por outro lado, para as lavadeiras, a Lagoa é de vital importância e isto nada tem de folclórico pelas seguintes razões:

- a) Do ponto de vista econômico, a família das lavadeiras podem formar uma unidade produtiva ou de serviços (podem produzir como força de trabalho braçal ou semi-qualificado ou podem prestar serviços ou ainda viverem de pequenos expedientes vendendo doces e quitutes caseiros ou também comercializando água de côco retirado dos coqueirais circunvizinhos) mas fundamentalmente a família das lavadoras de roupas pertence à unidade econômica de rendas precárias, vivendo em habitações rústicas e carentes (favelas).

b) Do ponto de vista social, o entorno da Lagôa do Abaeté forma um parque comunitário natural - (no geral as lavadeiras afluem para o logradouro com seus rebentos, e estes, ou no regaço materno, ou próximos sem se desgarrar do horizonte visual de suas mães praticam jogos lúdicos e recreações diversas, dando vazão a sua imaginação, cada um vivendo a sua fantasia) ; as lavadeiras não só transformam a Lagôa em local de trabalho, mas também em ponto de encontro e agência de informações;

c) Do ponto de vista cultural, da relação homem natureza, do processo de produção e reprodução social e dos fatos e acontecimentos inexplicáveis e trágicos, elaboram imagens pré-científicas em forma de crenças e crendices, mitos e lendas para entenderem as alegrias e as fatalidades do cotidiano, contraditoriamente benevolente e cruel.

Dai emergirem os rituais mágico-religiosos e as oferendas aos poderes mágico-religiosos e as oferendas aos poderes sobrenaturais corporificadas em imagens diversas.

Através das imagens e histórias fantásticas os homens encontram uma forma de explicação pré-científica dos fenômenos cruciais de natureza dramática, trágica e reconfortante.

Do encanto ao desencanto, as lendas, os mitos e as crendices estão intimamente interligadas aos fenômenos sociais que compõem a trama paisagística e ao cotidiano do Abaeté: o negrume d'água e a presença constante da morte por afogamento, a estória fantástica da loura mua e as noites mal dormidas dos pescadores, o mito da mãe d'água - ser fantástico - e as lágrimas vertidas pelo desaparecimento inexplicável de algum ente querido, etc.

Esta relação do homem com a natureza e dos homens entre si formam os processos de produção e reprodução econômica, social, cultural e religiosa.

E as favelas estão vitalmente interligadas com a Lagôa do Abaeté cuja dependência e sujeição do homem em relação à natureza se personifica no tipo social das lavadeiras e seus dependentes. E sendo as lavadeiras do Abaeté uma personagem marcante da paisagem cultural baiana e, o que é mais significativo, a palavra favela, segundo Laudelino Freire, "designa um arbusto da caatinga baiana Enterolobium ellipticum, que deu nome a um morro que se tornou célebre na campanha de Canudos em 1897" (Tipos e Aspectos do Brasil, Edição IBGE -

1956), consideramos as lavadeiras e suas respectivas habitações - as favelas - como parte integrante do Parque Metropolitano de Itapuã. Portanto as favelas também se transformam num elemento de preservação e recuperação e a comunidade formada por famílias de rendas precárias não serão convertidas em grupos sociais lesados. Pelo contrário, para que se preserve a figura da lavadeira e se recupere da condição de precariedade, torna-se necessário criar algumas pré-condições.

Estas, no nosso entender podem ser dadas em forma de uma propriedade comum do solo, ou em forma de propriedade comunitária em que o domínio útil do solo seria cedido pela Prefeitura mantendo a mesma o seu domínio eminente (enfiteuse). Porém, não bastaria apenas ceder um pedaço da gleba do futuro Parque Metropolitano para que estas populações de renda precária utilizasse e solo de forma adequada. À precariedade da renda se associa também um padrão de vida precário, formação educacional, social, profissional e cultural marcado pela carência.

Eles formam um simples aglomerado social que se reflete nas ações emocionais e instintivas, vivendo praticamente num estágio de desenvolvimento pré-social. Em vista disso, torna-se relevante traçar uma política de ressocialização para que se crie um vínculo afetivo comum, um sentimento de totalidade, onde os interesses comuns seriam postos como objetivo a ser atingido, sobrepondo-se aos interesses individuais.

Seria necessário reeducar descodificando os interesses individuais aflorados na luta pela sobrevivência.

Quando os favelados atingirem um estágio de socialização adequada, inevitavelmente eles se organizarão planejando o uso do solo em benefício da comunidade, em conformidade com as necessidades comuns, produzindo valor de uso.

A futura gleba do Parque Metropolitano de Itapuã, engloba um conjunto de elementos naturais e os grupos sociais de renda precária, e da interação dinâmica entre o homem e a natureza, produzem e reproduzem-se assentamentos humanos rústicos e precários formados pelas favelas. Das favelas surgem os tipos sociais de lavadeiras, e de todos que vivem em dependência com a natureza surgem os mitos, as credices e as lendas. Estas representações simbólicas pré-científicas alojam não só elementos de controle social mas também de uma forma contraditória os elementos de liberação social.

Estes elementos estão presentes na lenda da mãe d'água que reprime a utilização da Lagoa do Abaeté como balneário público; por outro lado, a opinião de que a Lagoa é encantada é um chamamento à contemplação e a liberação das emoções. Ambos os elementos, tanto os que servem de controle social quanto os que servem de liberação e catarse aliviador, são traduções sociais da atitude dos homens de respeito à natureza da qual eles dependem.

Este conjunto de reflexões demonstram, sem deixar qualquer margem de dúvida, que a gleba em questão é um patrimônio do público em geral, e a idéia de um parque-combinado de reserva ecológica e centro de lazer e recreação é um empreendimento público que atende às tradições e às reais necessidades do povo sem que esta obra de recuperação e preservação seja

23

objeto de privilégios de uma minoria, mas um acervo popular com participação generalizada, independente de discriminações e de outros interesses.

Para que o Parque Metropolitano de Itapua desempenhe as funções de metropolização, é necessário que se transforme num centro de convergência e difusão de experimentos de preservação e recuperação ecológica, congregando centro de pesquisa ecológica, botânica ou fisiográfica, estação climática e uma infra-estrutura que funcione como atividade-meio para que a atividade-fim não seja desvirtuada por falta de condições materiais e humanas.

Estes equipamentos deverão estar localizados no cinturão de proteção, adrede na área correspondente à reserva integral do parque ecológico.

Nesse sentido, a área de reserva ecológica integral do parque e as respectivas instituições e organizações funcionarão como um centro de convergência e difusão de estudos e experimentos originais de ecologia, dentro de um certo padrão de excelência que poderia servir como um centro-módulo e como sistema que organiza e integra o universo ecológico.

A médio e a longo prazo poderia funcionar como centro dominante, matriz geradora e estruturadora de conceitos e padrões de excelência em preservação e controle ecológico que se renovaria e se modificaria dentro de um determinado percurso temporal.

Por outro lado, para que o centro de lazer e recreação metropolitano de Itapua desempenhe as funções de metropolização das atividades de lazer e recreação ativa e passiva, impõem-se que se integrem outros elementos, além do centro ecológico composto de reserva ecológica integral e seus respectivos suportes infraestruturais, tais como os serviços de hotéis, restaurantes e boites, lanchonetes e stand-bar, possibilitando assim a realização plena de sua função de parque de lazer e recreação metropolitano.

Os meios de realização são estes e outros equipamentos, adequadamente elaborados que funcionariam como pontos de sociabilidade.

Estes pontos de sociabilidade serviriam como elementos que facilitariam a velocidade e a movimentação da ação e relação social sem que interfiram seletivamente, ou como condicionantes, no comportamento humano, marginalizando uns em benefício de outros, moldando ou padronizando comportamentos, a partir de fórmulas pré-estabelecidas, em detrimento da criatividade e da espontaneidade humana, transformando os seres humanos em atores passivos, em vez de autores ativos e dinâmicos, dotados de imaginação, magia e poesia.

O catalizador de integração social que adensa a experiência humana seria, no nosso caso, um parque.

Na medida em que o parque de lazer e recreação é um parque público, deve-se atingir, não uma determinada parcela, ou determinadas classes sociais, ou públicos especiais.

Argumentando nesta direção, cabe-nos reflexões em torno deste público genérico. Genérico, porque independe de classificação social. Genérico, porque independe da classificação etária.

O público do centro de lazer e recreação deve ser genérico porque é público ' o parque, e sendo público, é para todos, é um objeto de uso comum.

Nesse sentido, as habitações multifamiliares e os equipamentos de lazer organicamente articulados devem necessariamente ser colocados na parte externa do parque entre os limites deste e a faixa atlântica, nas áreas destinadas à reurbanização. Pois estes equipamentos são pertencentes aos futuros moradores das habitações multifamiliares. O mesmo acontece em relação ao templo, pois cada templo é exclusivo dos fiéis que professam ou creem em determinados valores religiosos.

O seu lugar adequado é o cinturão de proteção, na parte externa do parque. O mesmo poderíamos dizer em relação à colônia de pescadores mas não em relação às escolas. As escolas públicas não discriminam, não selecionam, não classificam a partir de credos religiosos, classes sociais, crenças filosóficas, etc., mas, discriminam, selecionam e classificam os estudantes por faixas etárias.

Em vista disso, as escolas devem ser localizadas de preferência nos loteamentos previstos, ou no cinturão.

Estes artefatos urbanos, produtos resultantes da transformação da natureza a partir do trabalho humano, é a tradução dos anseios, expectativas, aspirações e necessidades humanas.

O homem transforma a natureza para satisfazer as suas necessidades naturais, sociais, culturais e psicológicas: o homem também é natureza, mas uma natureza dotada de razão, afeto e emoção.

O homem e a natureza vivem em simbiose, e se completam reciprocamente. Se estas premissas são verdadeiras, então deve-se evitar, nos acessos aos diversos espaços físico-naturais desse parque a ser planejado, a predominância do calçadão. Quando o calçadão se prolonga e se espalha em demasia, a natureza é impelida para mais longe.

Os organismos naturais devem coexistir harmonicamente, para que os homens não percam a sua identidade natural, com os artefatos ou objetos culturais e sociais. Nos objetos culturais os homens encontram a sua identidade histórica, como criadores, realizadores e empreendedores, ou seja: como autores e atores construtores da civilização.

Nos objetos sociais (nas instituições) os homens encontram a sua identidade social, ou seja: o sentimento de pertencerem e fazerem parte de uma dada coletividade, comunidade e sociedade.

O lazer e a recreação, sendo um conjunto de atividades espontâneas e livres de obrigações e deveres, ao contrário do trabalho, que envolve obrigações e deveres contratuais, eles (lazer e recreação) somente se realizam se desenvolvem e se multiplicam plenamente, em ambientes livres de coação e coerção.

Os ambientes de lazer e recreação a serem estudados e elaborados, devem apresentar um conjunto espacial que possibilite a liberação do homem.

Para que não ocorra nem padronização, e nem exclusão ou seleção por classes sociais, os locais destinados às atividades recreativas e de lazer devem apresentar diversidade e contraste, simplicidade e funcionalidade.

(25)

A existência de uma área agenciada como praça de uso coletivo, integrada ao Parque Metropolitano de Itapua, substantivamente um parque ecológico, é importante para associar natureza e povo, parque e massa, pois a praça não seleciona ou classifica a população, nem por faixas etárias, e nem por classes sociais, e nem tampouco, por níveis de escolarização.

A praça é pública, e é de todos. A contiguidade praça-parque ecológico facilita identificação e encontro. É ponto de parada, é ponto de referência e identificação de outros espaços físicos e equipamentos. É ponto de convergência e dispersão. É local de acontecimentos.

E é, acima de tudo, essencialmente democrática, porque, numa praça pública não existem espaços privados e proibidos: todos os espaços físicos são livres para todos. É nessa praça do Parque Metropolitano ou Ecológico de Itapua que deverão ocorrer os acontecimentos de cunho eminentemente popular, tais como: exposições de arte popular, feira de artesanato, desfiles de danças folclóricas, recital popular, concertos populares, apresentação de coral, e demais atividades, que podem ser realizadas ao ar livre e com liberdade.

O parque de lazer e recreação de Itapua seriam os espaços físicos compostos de dunas, lagoas, bosques, praias alvas do Abaeté, bosques e bosquetes, colinas florestadas, os espaços físicos relvados, gramados, as palmeiras, os cajueiros, as matas de restinga, as plantas arbustivas e as pracinhas de amenização multi-funcional, que serviriam para os acontecimentos sociais, culturais e artísticos espontaneas do povo, e como logradouro de distensão, relaxamento, contemplação e delêite espiritual.

Recomenda-se evitar, na parte interna ao parque, a instalação de qualquer equipamento de lazer e recreação que discrimine, classifique ou selecione os usuários, tais como quadra de voleibol, bola ao cesto, de patinação.

Os espaços físicos destinados ao lazer e recreação devem ser descaracterizados, para que se vulgarize, no bom sentido, o seu nome logradouros públicos.

São esses locais denominados pelos norte-americanos de "resorts", em forma de elementos cênicos naturais, que funcionam como pontos de aglutinação, e de frequência popular, que o público realiza seu talento recreativo natural, ocupando-se com diversão, passeios, caminhadas, jogos diversos; "happenings". literários, artísticos, dramáticos, culturais, etc.

Em outras palavras, o parque de lazer e recreação seria os espaços físicos, fisiográficos, fitogeográficos e seus respectivos componentes botânicos fisicamente contrastantes, dunas, lagoas, colinas florestadas, alvas praias de Abaeté, bosques, etc. e em planos contrastantes, destinados às atividades liberatórias e espontâneas, em que os atores sociais soltam as suas emoções, ocupando-se com amenidades, atos contemplativos, exercícios ativos, tais como caminhadas, passeios, marchas, jogos e outras atividades lúdicas, inter-agindo e transitando, entre e através de espaços físicos naturais e artificiais, exercitando-se e aperfeiçoando-se espiritualmente.

Em suma: humanizando-se progressivamente, e se libertando das tensões, das fadigas e dos esgotamentos provocados pelas obrigações e deveres, provenientes do trabalho, família e outras obrigações sociais.

26

Estas atividades recreativas têm uma função reparadora e revitalizadora. Em outras palavras: o desenvolvimento tecnológico, e o fenômeno da metropolização, na medida em que diminui a jornada de trabalho, deve, em contrapartida, proporcionar às populações metropolitanas, centros de lazer e recreação, em i qual ritmo ao desenvolvimento econômico, científico e material, oferecendo a estas populações, uma multiplicidade de escolha.

(29)

V - CONCEITUAÇÃO DO PARTIDO PAISAGÍSTICO DO
PARQUE METROPOLITANO DE ITAPUÃ

A proposta elaborada para a feitura de implantação do Parque Metropolitano de Itapuã em Salvador, considera todos os fatos relacionados com a paisagem, a ecologia e as implantações já efetivadas na área por loteamentos e eventuais assentamentos residenciais.

O ponto de partida para a elaboração do plano do Parque é relativamente simples.

Tomou-se o conjunto das dunas altas do sistema regional de dunas de Itapuã como o core a ser preservado e protegido dentro do Grande Parque Metropolitano a ser organizado e implantado na área.

Isso porque as dunas altas são relíquias de processos fisiográficos, e de paleoclima recentes da área de Salvador, não passíveis de sofrerem modificações reversíveis.

Sendo irreversível qualquer obra que venha alterar o conjunto desse core do campo de dunas regionais, a proposta procura sobretudo conservar, proteger e tornar esta área essencial na conceituação geral do Parque.

O fato do Campo de Dunas de Itapuã possuir uma posição paralela ao eixo geral da costa atual e ter uma largura média apreciada de alguns quilômetros no seu eixo menor e dezenas de quilômetros em seu eixo maior conduziu a idéia de que na organização do Parque, haja uma série de ligações do interior até a praia, cortando transversalmente a área, limitando uma série de gomos de espaço a espaço e compartimentando áreas similares que formam conjuntos dentro do contexto geral do Parque Metropolitano de Itapuã.

A trama viária proposta criará ligações essenciais para o bom uso da paisagem e das cenas agrestes dos campos de dunas em relação a todas as camadas da população metropolitana.

Este partido absorve de certa maneira uma fatia de loteamento de má adequação em relação ao conjunto do campo de dunas e através da adoção de um modelo que reequilibra o quadro geral da paisagem das dunas e assegura para o parque um uso não predativo e orientado por faixas de ligação de interlandia e de faixas de praia ao mesmo tempo que circunscreve a penetração de grupos humanos no interior do parque por certos eixos exclusivos.

Assim, adotou-se um partido em que o conjunto sul-sudoeste da importante faixa de dunas costeira regional venha a ser sincopado de espaço a espaço por vias de acesso do interior para a praia, racionalmente ideadas e implantadas de tal maneira, que facilite o uso do espaço do parque, através de faixas definidas e restritivas.

Evidentemente pelo fato de existirem tais ligações do interior para a praia de espaço a espaço, no conjunto geral das dunas, restam gomos de espaços dunares separados por tais vias de acesso.

Para a preservação de um campo de dunas que no fundo é um conjunto de areias acumuladas por ações eólicas, julgou-se indispensável a implantação de um cinturão de segurança tanto no bordo atlântico do conjunto como no bordo situado à retaguarda das dunas mais elevadas.

No caso da retaguarda onde existe um alinhamento um pouco mais definido sul-sudoeste e encostas relativamente abruptas, optou-se por um paisagismo ecológico, baseado em componentes da chamada mata do caju alternada por subconjuntos de plantações de coqueiros de praia a que comprovadamente dão uma revalorização cênica de excepcional resultado em toda a fachada atlântica de Salvador.

Do lado Atlântico a situação dos diversos fatos fisiográficos da faixa costeira tornou possível uma solução um pouco mais sutil e ao mesmo tempo capaz de consertar espaços para o parque ao mesmo tempo que novos espaços para uma utilização racional do solo disposto no nível da faixa de praias, levando-se em conta que ali ocorrem terraços de construção marinha, relativamente baixos da costa.

Se nos detivermos no exame do perfil da área entre a praia e a duna alta portanto, do mar para o interior, verificaremos a existência do estiramento da praia com uma pequena berma, espécie de talude de terraço de construção marinha com algumas centenas de metros de largura ainda que sem nenhuma continuidade.

Após essa faixa de baixos terraços aparecem as áreas de dunas médias semi isoladas e interpenetradas por depressões rasas, grosso modo situadas ao nível do próprio terraço.

Estas dunas médias, em seguida adquirem uma certa continuidade e tornam-se mais maciças e homogêneas para bruscamente transicionarem-se para as dunas altas situadas a 20, 30, e 40 metros acima do nível intermediário e a 50, 60, 70 metros de altura em relação ao nível do mar.

A faixa de segurança básica neste bordo Atlântico do Campo de Dunas de Itapua foi considerada aquela de transição, entre as dunas altas e as dunas médias.

Neste setor deverão ser feitas obras de reconstituição paisagística de fixação mesmo de uma vegetação baseada nos componentes autóctones da área, ou seja, elementos sobretudo da mata do caju e eventualmente nas reentrâncias e depressões nas rampas dos pequenos anfiteatros das depressões de terras baixas encrustadas no meio das dunas intermediárias de verão ser colocadas faixas de coqueiros de praia, resguardando-se algumas das depressões para utilização especial.

Em termos aureolares esta faixa de proteção atlântica das dunas altas equivalerá a um corredor irregular de vegetação

29

dó mata do cajú e de maciços de pequenos bosques de coqueiros com um planejamento paisagístico adequado, limitando-se o conjunto em relação a faixa de terraços de construção marinha por um eixo de circulação que de verá ter uma posição assimétrica.

Uma das margens dessa avenida não muito irregular, nem geométrica nem geometricalmente reta, estará voltada para a faixa de segurança e as instalações especiais que para ali sejam indicadas enquanto a outra faixa estará voltada para a área de urbanização a se e laborar e planejar para as praias.

Evidentemente muitos pequenos maciços de dunas médias ficarão em posição intermediária entre a faixa de segurança e a zona de urbanização.

Conceder-se-á o direito de se arrasar os pequenos sebes de dunas médias semi-isoladas que venham ficar entre a praia e esta avenida interna de acesso e distribuição para a urbanização da área.

Resta falar sobre a faixa de segurança na finis terra do Campo de Dunas de Itapua voltada para sul-sudoeste.

Neste setor onde já existem assentamentos residenciais rústicos, includo-se mesmo um conjunto de favelas que representa a principal aglomeração humana situada à margem ou mesmo no interior do parque da área que se pretende usar para o Parque Metropolitano de Itapua, preconiza-se um paisagismo um pouco mais diversificado sempre porém, incluindo vegetação da mata do cajú e maciços de coqueiro de praia, que são comprovadamente indicados para a área já que em regiões próximas eles constituem uma das mais expressivas características da riqueza do cenário de marinha e da faixa de colinas sub-litorâneas de Salvador.

A indicação inicial será de buscar em grau máximo, a reconstituição da mata de restinga, e para tanto a intervenção paisagística deverá ser conduzida segundo linhas conservacionistas. Visando isto, procurar-se-á que os plantios de embelezamento e integração observem o aproveitamento criterioso dos elementos significativos da flora local.

Para essa finalidade seria da maior conveniência que fosse aparelhado algum horto viveiro municipal para o cumprimento da tarefa de coleta, seleção e multiplicação dos materiais vegetais indicados.

A vegetação natural dos topos, adensamentos e taludes, deve receber desde logo, cuidados de preservação que impeçam seu corte ou remoção sob qualquer pretexto.

Em relação as lagoas que constituem a riqueza especial do setor do campo de dunas mais próximo da área de Itapua Lagoa do Abasté e Lagoa de Iemanjá, pressupõe-se projetos especiais de revalorização da paisagem em natural e dos rústicos cenários regionais, incluindo-se nestes projetos particulares a idéia de eliminação de algumas incrustações consideradas inadequadas e a reelaboração de cores paisagísticos adequados com o alto nível de qualidade dos cenários des

30

tas lagoas intradunares, que na realidade foram os elementos físicos e cónicos mais importantes para conduzir a ideia de preservação global do Campo de Dunas de Itapua.

Tais projetos ou sub-projetos dentro do plano do Parque Metropolitano de Itapua deverão ser executados como peças sutis e de iniciação indispensável para a concretização da ideia do Grande Parque Metropolitano de Itapua.

Outro fato que nos parece essencial da planificação do Parque Metropolitano de Itapua é o partido que se pretende dar á faixa de segurança oriental do campo de dunas regionais, isto é, a face voltada para o Atlântico.

Nesta área da faixa de segurança proposta em que será estabelecido um controle quase total na paisagem regional idealiza-se para esta área a fixação de um modelo, alternante de sub-glebas com mata de caju e coqueirais a serem destinadas para determinados usos considerados adequados e específicos para o parque.

Na realidade o Parque Metropolitano de Itapua, deverá ser um parque de tipo ecológico para utilizar uma nomenclatura que começa a ser estabelecida no quadro geral dos tipos de reservas da natureza que no Brasil se propõe a executar nos próximos anos.

Este Parque Metropolitano de Itapua, no fundo poderia ser chamado de Parque Ecológico de Itapua, sem que houvesse nisso qualquer laivo de demagogia.

Assim sendo, certas sub-glebas bem situadas da chamada faixa de segurança ora proposta, podem ser destinadas para as associações específicas, ligadas á pesquisa botânica ecológica ou fisiográfica, fato que indiretamente equivalerá na arregimentação de instituição de pessoas á serviço do controle e fiscalização do Parque Metropolitano em implantação.

Por outro lado tais sub-glebas em condomínio que deverão ser restritas em número também devem ser contínuas e alternadas com outros tipos de espaços destinados parcialmente a habitações multifamiliares de planificação adaptada ás condições ecológicas e a usos comunitários específicos, pequenos parques infantis, áreas para atividades poliesportivas; este partido poderá trazer para a utilização da natureza de Salvador, tão privilegiada, um benefício social altamente desejado e democratizante.

Evidentemente entre as alternativas para a utilização dos pequenos bolsões que restarão na área de contacto entre a praia, terraço arenoso baixo e as primeiras dunas do nível intermediário uma, particular atenção deverá ser dada á locação de escolas de diferentes níveis incluindo os campos de esportes vinculados.

Existem condições certamente únicas para uma planificação desse tipo nesta faixa ligeiramente mais interna das praias

regionais de Salvador com que tal ênfase signifique num enfraquecimento das iniciativas particulares relacionadas com a área mais diretamente praiana propriamente dita.

No momento não há qualquer conveniência em se propor modelos para esta faixa de praias mais diretamente de contacto entre o mar e a terra e de acesso mais direto; acreditamos que a busca de modelos para uma correta utilização do espaço disponível destas praias terá que ser a meta dos projetistas que venham a se vincular no processo de urbanização das praias regionais.

O que não se pode permitir é que os modelos sejam totalmente desconexos e desintegrados, redundando numa especulação certamente cínica em relação aos destinos da urbanização do corpo urbano metropolitano regional.

Não se pode aceitar a idéia de núdulos especulativos e de modelos de loteamentos capazes de privatizar a faixa de praia que por principio deverá ser sempre aberta a todos os usuários.

38

VI - PROPOSTA PARA AGENCIAMENTO DA ÁREA DO ENTÃO
DA LAGOA DO ABAETÉ.

Cabe reiterar os conceitos apresentados nos capítulos anteriores, ou seja: assumimos a posição de que o homem e o ambiente ecológico vivem numa relação de mútua interdependência. Daí, preservar os recursos naturais é preservar a qualidade de vida do homem metropolitano. Por outro lado, preservar a qualidade e o padrão de vida do homem metropolitano é preservar os recursos naturais, disciplinando o uso e o usufruto dos elementos naturais - solo, manancial hídrico, vida animal e vegetal, ar, etc. Em outras palavras: a reserva ecológica assume a forma de reserva da qualidade de vida humana; nesse sentido os dois elementos estão numa relação de dependência recíproca.

Assim exposto, o Parque Metropolitano de Itapua será a partir de sua implantação, um indicador do padrão e da qualidade de vida da metropolitano.

Na medida em que ele atua como uma variável, o padrão de vida dos habitantes da Metrópole Baiana variará direta e proporcionalmente conforme os recursos naturais disponíveis. Dessa forma, jamais descartamos das nossas preocupações o que estamos propondo e planejando em função do homem metropolitano. O homem metropolitano é o nosso objetivo central.

O parque Metropolitano de Itapua, conceituado como uma gleba de reserva ecológica em face ao conjunto de elementos fitogeográficos, geomorfológicos e hidrográficos singulares que particulariza a paisagem costeira regional, por apresentar, na fronteira sul-sudoeste, franqueada por vias de comunicação e ocupação urbana espontânea e especulativa em processo de desenvolvimento rápido, afigura-se nesta área próxima à Lagoa do Abaeté, como espaço físico prioritário de intervenção.

Na fronteira sul-sudoeste onde se localiza a Lagoa do Abaeté a ocupação pragmática e empírica comandada por idiossincrasias diversas deixou os testemunhos da agressão, degradação, devastação e da má utilização da paisagem ecológica da região do Abaeté.

A faixa da Lagoa do Abaeté voltada em direção sul-sudoeste, sudoeste, oeste, oés-noroeste, noroeste e nor-noroeste, será definida como área de intervenção, num giro em leque de 150°, correspondendo aproximadamente a 40% da área total do entorno da Lagoa do Abaeté.

A proposta de agenciamento, em forma de ante-projeto, versa em torno dessa área voltada para o exterior do Parque Metropolitano e em direção à Itapua.

O primeiro passo foi o estabelecimento das fronteiras, a partir das quais seriam realizados os estudos de intervenção. Levando em consideração os assentamentos físicos e naturais estabeleceu-se no entorno da Lagoa do Abaeté, uma área a ser manejada e planejada quanto à liberação e à utilização dos espaços físicos.

A área de intervenção foi dividida em duas sub-áreas:

- a) a primeira situada entre os pontos su-sudoeste e oeste, onde um dos braços da Lagoa aponta em linha paralela ao Atlântico;
- b) a segunda localizada entre os pontos oeste e nor-noroeste, onde o outro braço da Lagoa do Abaeté aponta ligeiramente para o norte, ou seja: em direção do Atlântico para o interior.

Em termos esquemáticos os pontos cardeais limítrofes das duas sub-áreas seriam sul-oeste e oeste-norte, formando um ângulo de 180°.

A face norte que gira em direção aos pontos leste-sudeste do entorno da Lagoa do Abaeté está excluída do presente ante-projeto por ser já parte integrante da gleba de reserva ecológica de Itapuã.

Em relação à primeira sub-área, denominada de área de intervenção su-sudoeste e oeste e que corre paralela ao Oceano Atlântico, a preocupação básica foi a de definir as franjas do cinturão de proteção entre as linhas limites de atuação e os espaços físicos destinados aos equipamentos, de apoio ao Parque Metropolitano de Itapuã, aos estacionamentos destinados aos usuários e ao pessoal diretamente ligado a esta infra-estrutura de apoio e também aos visitantes do Parque.

Estas reflexões conduziram a dois conjuntos de definições, a saber:

- a) a fixação do limite máximo da área de intervenção significa necessariamente a definição da política de intervenção e sua extensão;
- b) a organização espacial e paisagística da sub-área objeto de estudos, e a respectiva definição da função dos espaços físicos.

Na sub-área su-sudoeste que tem o ponto oeste, no prolongamento do braço da Lagoa, como limite, a intervenção proposta solicitou a eliminação de parte do sistema viário existente e de uma praça de concepção paisagística duvidosa e de impossível integração dentro do novo planejamento da área.

Parte desta área, a que margeia a Lagoa do Abaeté, modificada pela eliminação da atual praça e do sistema viário, sofrerá um tratamento paisagístico extremamente simples qual seja, a gramagem de toda a área prescrevendo-se nela a presença de qualquer caminho de pedestre. A intervenção neste local será assim quasi imperceptível e consistirá além da gramagem já mencionada, numa relocação e melhoramento das barracas de venda de comestíveis e refrigerantes existentes nesse local. Adjacente e em continuidade a esta área foi proposta uma arborização alternando faixas de coqueiral com grupos de espécies da flora regional formando bosquetes.

Na parte su-este foi prevista uma área para estacionamento de visitantes, implantada em local cuja cobertura vegetal foi destruída por ações antrópicas. Este estacionamento será densamente arborizado, propiciando aos usuários da área o elemento sombra e recompondo o extrato arbóreo no local. A vegetação secundária ainda existente na área adjacente será preservada.

A implantação do estacionamento pressupõe a alteração do sistema viário. Assim, o acesso atual à Lagoa do Abaeté, embora permanecendo como uma alternativa de chegada à área, ou uma circulação secundária, deverá ser substituído por outro eixo de acesso que, saindo do estacionamento de visitantes e passando por um bosque de vegetação residual existente,

ligará a área do entorno da Lagoa do Abaeté com a Rua Engº Aristides Milton Silveira.

Ficará assim criado um novo acesso para aqueles que visitam a Lagoa do Abaeté, de percepção e compreensão mais fácil que a atual e com possibilidades paisagísticas bastante mais apreciáveis.

O eixo de acesso dos visitantes ao entorno da Lagoa do Abaeté sofrerá assim, sensível alteração penetrando no sentido sul-oeste, tangenciando a antiga praça para depois se encaminhar na direção norte, terminando no estacionamento reservado para os frequentadores do Restaurante-Belvedere, na outra sub-área.

A partir do estacionamento de visitantes, projetado na ala direita da via de acesso ao parque, foi lançado um caminho de pedestres de ligação com a nova Praça proposta, conectada, à zona de implantação dos equipamentos de apoio do Parque.

A recuperação vegetal da área deverá ser feita sempre com base na flora autoctone pela seleção e plantio de seus elementos mais representativos.

A presença de uma praça e dos equipamentos de apoio ao Parque solicitou a implantação de um estacionamento, de menores proporções que o anteriormente mencionado e previsto para os visitantes da Lagoa do Abaeté.

A jusante desta área existe um núcleo habitacional que deverá ser reurbanizado; nesta gleba, cortada por um riacho, sugere-se o seu desvio, para que seja possível a implantação de uma via de acesso interna, sem saída para o Parque Metropolitano de Itapua. Tal proposta terá como finalidade de disciplinar o uso do solo em termos de organização espacial.

Nesta sub-área, resta-nos, para completar, tecer algumas considerações sobre os equipamentos de apoio ao Parque Metropolitano de Itapua e destacar algumas características peculiares da nova praça a ser implantada.

Estes equipamentos infra-estruturais de apoio ao Parque serão localizados, no prosseguimento da via de acesso motorizado, entre o eixo leste-oeste e sul-norte, formando um ângulo de quase 90º, à direita do sistema viário, ou seja, na parte interna, entre a praça a ser projetada e a via que segue em direção ao Restaurante-Belvedere. Ao lado destes equipamentos será instalada a sede da administração do Parque Metropolitano de Itapua.

Esta área, atualmente ocupada por um renque de residências unifamiliares, deverá dentro de um processo natural, sofrer uma modificação de uso de modo a permitir que neste local surjam bares ou pequenos restaurantes, boutiques, lojas de vendas de artesanatos etc.

Por fim, a praça a ser projetada nesta sub-área, tem como particularidade valorizar a livre locomoção e permanência das pessoas, vedando acessos aos veículos motorizados. Esta praça será um local de encontro e um ponto de passagem para o uso dos equipamentos de apoio do Parque. Ela será formada por uma série de espaços livres conectados, destinados a usos diversos.

Na segunda sub-área localizada entre os pontos oeste e nor-noroeste, genericamente denominada de sub-área oeste-norte previu dentro do partido paisagístico o aproveitamento da vegetação residual pré existente definindo-se inicialmente as linhas limites de intervenção no sentido de conservar ao máximo os testemunhos da cobertura vegetal existentes no local.

A partir do nível 30, buscar-se-á uma forma de através de um tratamento paisagístico conveniente que poderá ir da clarificação dos bosquetes de vegetação residual ao plantio de espécies notáveis da flora autoctone para enriquecimento da cobertura vegetal, valorizando assim as margens da Lagoa do Abaeté. Nesta sub-área foi prevista a implantação de equipamentos de apoio ao Parque como um Restaurante-Belvadere e uma Boite, localizados em cota negativa em relação ao eixo viário e situados entre as curvas de nível 40 e 45.

Também aí, a intervenção paisagística deverá ser discreta e os plantios executados apenas nas áreas onde, por motivo da implantação dos elementos construídos, houver necessidade de recuperação da cobertura vegetal, ao contrário do que se planejou na outra sub-área, quando se evitou, em face à configuração dos espaços físicos, acessos de pedestres contíguos ao sistema viário, na sub-área oeste-norte, a própria característica do espaço físico, sugere o planejamento da via de pedestres de acesso contíguo ao sistema viário motorizado.

Por outro lado, quando se atinge o ponto mais elevado, os pedestres têm à sua disposição uma via de acesso opcional, possível através da vegetação residual até o mirante e aos equipamentos de serviços- Boite, Restaurante e estacionamentos.

A presente proposta de agenciamento do entorno da Lagoa do Abaeté, em sua forma de ante-projeto, procurou valorizar os elementos cênicos naturais pré-existentes, deslocando os diversos equipamentos inadequadamente localizados, criando um paisagismo de contenção, aos flancos abertos pela especulação imobiliária, sugerindo um disciplinamento quanto ao uso do solo, definindo nos arredores do entorno da Lagoa, as áreas de reurbanização.

Deu-se ainda prioridade aos pedestres, criando acessos particularizados, im possibilitando acesso de veículos à praça e a própria Lagoa do Abaeté, dando condições aos usuários de viver na intimidade com a natureza e com os elementos cênicos corretivos introduzidos pelo paisagismo.

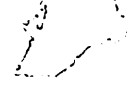
A partir da implantação destes ante-projetos na forma de projetos específicos e definidos se inicia o processo de criação do Parque Metropolitano de Itapua, elevando-se desse modo a qualidade e o padrão de vida metropolitano da população de Salvador, ampliando, em última instância, os direitos sociais como resultante do desenvolvimento econômico.



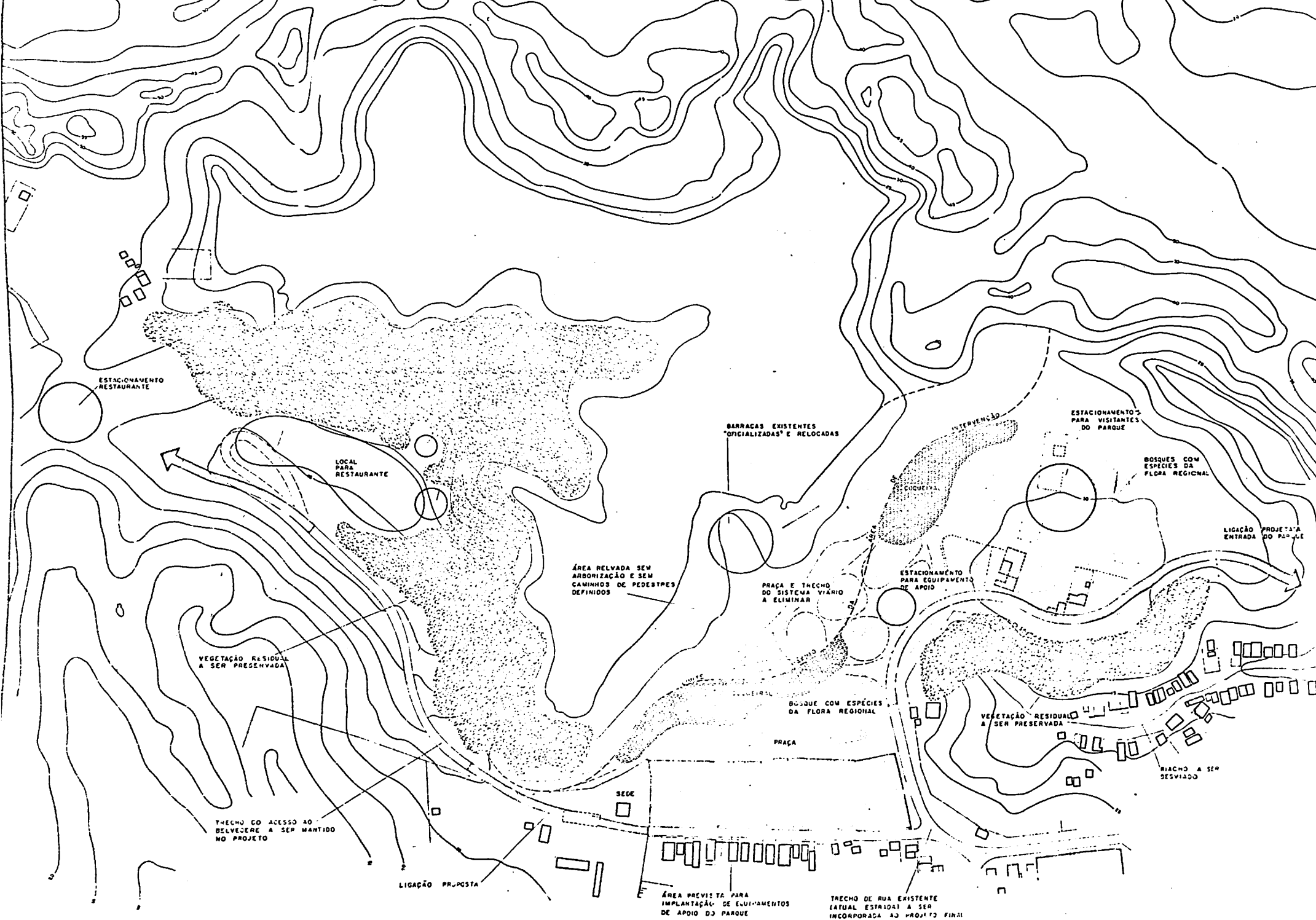
LEGENDA

1. Содержание 20 стр. 100 экз. 10 коп.
2. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
3. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
4. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
5. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
6. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
7. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
8. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
9. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.
10. Вопросы 20 стр. 100 экз. 10 коп.

LAURENCE J. HARRIS
ENTRUS - VERBODEN



2-1-72-13



Proj. 1.2
1.2.1
1.2.2
1.2.3
1.2.4
1.2.5
1.2.6
1.2.7
1.2.8
1.2.9
1.2.10
1.2.11
1.2.12
1.2.13
1.2.14
1.2.15
1.2.16
1.2.17
1.2.18
1.2.19
1.2.20
1.2.21
1.2.22
1.2.23
1.2.24
1.2.25
1.2.26
1.2.27
1.2.28
1.2.29
1.2.30
1.2.31
1.2.32
1.2.33
1.2.34
1.2.35
1.2.36
1.2.37
1.2.38
1.2.39
1.2.40
1.2.41
1.2.42
1.2.43
1.2.44
1.2.45
1.2.46
1.2.47
1.2.48
1.2.49
1.2.50
1.2.51
1.2.52
1.2.53
1.2.54
1.2.55
1.2.56
1.2.57
1.2.58
1.2.59
1.2.60
1.2.61
1.2.62
1.2.63
1.2.64
1.2.65
1.2.66
1.2.67
1.2.68
1.2.69
1.2.70
1.2.71
1.2.72
1.2.73
1.2.74
1.2.75
1.2.76
1.2.77
1.2.78
1.2.79
1.2.80
1.2.81
1.2.82
1.2.83
1.2.84
1.2.85
1.2.86
1.2.87
1.2.88
1.2.89
1.2.90
1.2.91
1.2.92
1.2.93
1.2.94
1.2.95
1.2.96
1.2.97
1.2.98
1.2.99
1.3
1.4
1.5
1.6
1.7
1.8
1.9
1.10
1.11
1.12
1.13
1.14
1.15
1.16
1.17
1.18
1.19
1.20
1.21
1.22
1.23
1.24
1.25
1.26
1.27
1.28
1.29
1.30
1.31
1.32
1.33
1.34
1.35
1.36
1.37
1.38
1.39
1.40
1.41
1.42
1.43
1.44
1.45
1.46
1.47
1.48
1.49
1.50
1.51
1.52
1.53
1.54
1.55
1.56
1.57
1.58
1.59
1.60
1.61
1.62
1.63
1.64
1.65
1.66
1.67
1.68
1.69
1.70
1.71
1.72
1.73
1.74
1.75
1.76
1.77
1.78
1.79
1.80
1.81
1.82
1.83
1.84
1.85
1.86
1.87
1.88
1.89
1.90
1.91
1.92
1.93
1.94
1.95
1.96
1.97
1.98
1.99
2.0
2.1
2.2
2.3
2.4
2.5
2.6
2.7
2.8
2.9
3.0
3.1
3.2
3.3
3.4
3.5
3.6
3.7
3.8
3.9
4.0
4.1
4.2
4.3
4.4
4.5
4.6
4.7
4.8
4.9
5.0
5.1
5.2
5.3
5.4
5.5
5.6
5.7
5.8
5.9
6.0
6.1
6.2
6.3
6.4
6.5
6.6
6.7
6.8
6.9
7.0
7.1
7.2
7.3
7.4
7.5
7.6
7.7
7.8
7.9
8.0
8.1
8.2
8.3
8.4
8.5
8.6
8.7
8.8
8.9
9.0
9.1
9.2
9.3
9.4
9.5
9.6
9.7
9.8
9.9
10.0
10.1
10.2
10.3
10.4
10.5
10.6
10.7
10.8
10.9
11.0
11.1
11.2
11.3
11.4
11.5
11.6
11.7
11.8
11.9
12.0
12.1
12.2
12.3
12.4
12.5
12.6
12.7
12.8
12.9
13.0
13.1
13.2
13.3
13.4
13.5
13.6
13.7
13.8
13.9
14.0
14.1
14.2
14.3
14.4
14.5
14.6
14.7
14.8
14.9
15.0
15.1
15.2
15.3
15.4
15.5
15.6
15.7
15.8
15.9
16.0
16.1
16.2
16.3
16.4
16.5
16.6
16.7
16.8
16.9
17.0
17.1
17.2
17.3
17.4
17.5
17.6
17.7
17.8
17.9
18.0
18.1
18.2
18.3
18.4
18.5
18.6
18.7
18.8
18.9
19.0
19.1
19.2
19.3
19.4
19.5
19.6
19.7
19.8
19.9
20.0
20.1
20.2
20.3
20.4
20.5
20.6
20.7
20.8
20.9
21.0
21.1
21.2
21.3
21.4
21.5
21.6
21.7
21.8
21.9
22.0
22.1
22.2
22.3
22.4
22.5
22.6
22.7
22.8
22.9
23.0
23.1
23.2
23.3
23.4
23.5
23.6
23.7
23.8
23.9
24.0
24.1
24.2
24.3
24.4
24.5
24.6
24.7
24.8
24.9
25.0
25.1
25.2
25.3
25.4
25.5
25.6
25.7
25.8
25.9
26.0
26.1
26.2
26.3
26.4
26.5
26.6
26.7
26.8
26.9
27.0
27.1
27.2
27.3
27.4
27.5
27.6
27.7
27.8
27.9
28.0
28.1
28.2
28.3
28.4
28.5
28.6
28.7
28.8
28.9
29.0
29.1
29.2
29.3
29.4
29.5
29.6
29.7
29.8
29.9
30.0
30.1
30.2
30.3
30.4
30.5
30.6
30.7
30.8
30.9
31.0
31.1
31.2
31.3
31.4
31.5
31.6
31.7
31.8
31.9
32.0
32.1
32.2
32.3
32.4
32.5
32.6
32.7
32.8
32.9
33.0
33.1
33.2
33.3
33.4
33.5
33.6
33.7
33.8
33.9
34.0
34.1
34.2
34.3
34.4
34.5
34.6
34.7
34.8
34.9
35.0
35.1
35.2
35.3
35.4
35.5
35.6
35.7
35.8
35.9
36.0
36.1
36.2
36.3
36.4
36.5
36.6
36.7
36.8
36.9
37.0
37.1
37.2
37.3
37.4
37.5
37.6
37.7
37.8
37.9
38.0
38.1
38.2
38.3
38.4
38.5
38.6
38.7
38.8
38.9
39.0
39.1
39.2
39.3
39.4
39.5
39.6
39.7
39.8
39.9
40.0
40.1
40.2
40.3
40.4
40.5
40.6
40.7
40.8
40.9
41.0
41.1
41.2
41.3
41.4
41.5
41.6
41.7
41.8
41.9
42.0
42.1
42.2
42.3
42.4
42.5
42.6
42.7
42.8
42.9
43.0
43.1
43.2
43.3
43.4
43.5
43.6
43.7
43.8
43.9
44.0
44.1
44.2
44.3
44.4
44.5
44.6
44.7
44.8
44.9
45.0
45.1
45.2
45.3
45.4
45.5
45.6
45.7
45.8
45.9
46.0
46.1
46.2
46.3
46.4
46.5
46.6
46.7
46.8
46.9
47.0
47.1
47.2
47.3
47.4
47.5
47.6
47.7
47.8
47.9
48.0
48.1
48.2
48.3
48.4
48.5
48.6
48.7
48.8
48.9
49.0
49.1
49.2
49.3
49.4
49.5
49.6
49.7
49.8
49.9
50.0
50.1
50.2
50.3
50.4
50.5
50.6
50.7
50.8
50.9
51.0
51.1
51.2
51.3
51.4
51.5
51.6
51.7
51.8
51.9
52.0
52.1
52.2
52.3
52.4
52.5
52.6
52.7
52.8
52.9
53.0
53.1
53.2
53.3
53.4
53.5
53.6
53.7
53.8
53.9
54.0
54.1
54.2
54.3
54.4
54.5
54.6
54.7
54.8
54.9
55.0
55.1
55.2
55.3
55.4
55.5
55.6
55.7
55.8
55.9
56.0
56.1
56.2
56.3
56.4
56.5
56.6
56.7
56.8
56.9
57.0
57.1
57.2
57.3
57.4
57.5
57.6
57.7
57.8
57.9
58.0
58.1
58.2
58.3
58.4
58.5
58.6
58.7
58.8
58.9
59.0
59.1
59.2
59.3
59.4
59.5
59.6
59.7
59.8
59.9
60.0
60.1
60.2
60.3
60.4
60.5
60.6
60.7
60.8
60.9
61.0
61.1
61.2
61.3
61.4
61.5
61.6
61.7
61.8
61.9
62.0
62.1
62.2
62.3
62.4
62.5
62.6
62.7
62.8
62.9
63.0
63.1
63.2
63.3
63.4
63.5
63.6
63.7
63.8
63.9
64.0
64.1
64.2
64.3
64.4
64.5
64.6
64.7
64.8
64.9
65.0
65.1
65.2
65.3
65.4
65.5
65.6
65.7
65.8
65.9
66.0
66.1
66.2
66.3
66.4
66.5
66.6
66.7
66.8
66.9
67.0
67.1
67.2
67.3
67.4
67.5
67.6
67.7
67.8
67.9
68.0
68.1
68.2
68.3
68.4
68.5
68.6
68.7
68.8
68.9
69.0
69.1
69.2
69.3
69.4
69.5
69.6
69.7
69.8
69.9
70.0
70.1
70.2
70.3
70.4
70.5
70.6
70.7
70.8
70.9
71.0
71.1
71.2
71.3
71.4
71.5
71.6
71.7
71.8
71.9
72.0
72.1
72.2
72.3
72.4
72.5
72.6
72.7
72.8
72.9
73.0
73.1
73.2
73.3
73.4
73.5
73.6
73.7
73.8
73.9
74.0
74.1
74.2
74.3
74.4
74.5
74.6
74.7
74.8
74.9
75.0
75.1
75.2
75.3
75.4
75.5
75.6
75.7
75.8
75.9
76.0
76.1
76.2
76.3
76.4
76.5
76.6
76.7
76.8
76.9
77.0
77.1
77.2
77.3
77.4
77.5
77.6
77.7
77.8
77.9
78.0
78.1
78.2
78.3
78.4
78.5
78.6
78.7
78.8
78.9
79.0
79.1
79.2
79.3
79.4
79.5
79.6
79.7
79.8
79.9
80.0
80.1
80.2
80.3
80.4
80.5
80.6
80.7
80.8
80.9
81.0
81.1
81.2
81.3
81.4
81.5
81.6
81.7
81.8
81.9
82.0
82.1
82.2
82.3
82.4
82.5
82.6
82.7
82.8
82.9
83.0
83.1
83.2
83.3
83.4
83.5
83.6
83.7
83.8
83.9
84.0
84.1
84.2
84.3
84.4
84.5
84.6
84.7
84.8
84.9
85.0
85.1
85.2
85.3
85.4
85.5
85.6
85.7
85.8
85.9
86.0
86.1
86.2
86.3
86.4
86.5
86.6
86.7
86.8
86.9
87.0
87.1
87.2
87.3
87.4
87.5
87.6
87.7
87.8
87.9
88.0
88.1
88.2
88.3
88.4
88.5
88.6
88.7
88.8
88.9
89.0
89.1
89.2
89.3
89.4
89.5
89.6
89.7
89.8
89.9
90.0
90.1
90.2
90.3
90.4
90.5
90.6
90.7
90.8
90.9
91.0
91.1
91.2
91.3
91.4
91.5
91.6
91.7
91.8
91.9
92.0
92.1
92.2
92.3
92.4
92.5
92.6
92.7
92.8
92.9
93.0
93.1
93.2
93.3
93.4
93.5
93.6
93.7
93.8
93.9
94.0
94.1
94.2
94.3
94.4
94.5
94.6
94.7
94.8
94.9
95.0
95.1
95.2
95.3
95.4
95.5
95.6
95.7
95.8
95.9
96.0
96.1
96.2
96.3
96.4
96.5
96.6
96.7
96.8
96.9
97.0
97.1
97.2
97.3
97.4
97.5
97.6
97.7
97.8
97.9
98.0
98.1
98.2
98.3
98.4
98.5
98.6
98.7
98.8
98.9
99.0
99.1
99.2
99.3
99.4
99.5
99.6
99.7
99.8
99.9
100.0



LAKA DE ARREVO

-
-
-
-
-
-

Plan 101
LAKA DE ARREVO
ENCUENTRO

219

VII - NORMAS E DIRETRIZES DE PAISAGISMO PARA FORMAS DE INTERVENÇÃO NA
ÁREA DO CINTURÃO DE PROTEÇÃO DO PARQUE METROPOLITANO DE ITAPUÃ.

O conjunto de normas e diretrizes de paisagismo para as formas de intervenção na área do cinturão de proteção do Parque Metropolitano de Itapua surgiu da necessidade de um esforço de conservação dos elementos de cobertura vegetal ainda presentes nesta área e objetiva criar um equipamento paisagístico na escala do cenário natural estruturando uma trama paisagística que terá como finalidade, de um lado, prover a integração entre a paisagem natural e a paisagem construída e, de outro, dar ao usuário da área o necessário conforto climático.

O trabalho paisagístico deverá inicialmente observar e analisar criteriosamente o revestimento vegetal e a estrutura superficial da paisagem na área para estabelecer em etapa posterior sua participação na paisagem do complexo a ser criado. Esta será uma justaposição de elementos preservados da paisagem natural e de elementos da paisagem construída.

Basicamente duas formas de intervenção paisagística deverão ser consideradas na área do cinturão de proteção: uma de caráter conservacionista onde não forem realizadas implantações em que será dada especial importância aos conjuntos da cobertura vegetal original, mantendo-os, quando possível em seu estado primitivo e incorporando-os no interior da trama da paisagem humanizada e outra de caráter de recuperação ou recomposição paisagística nas áreas atingidas pelas implantações dos equipamentos previstos para o cinturão de proteção com plantios de cobertura vegetal preferentemente de espécies locais para estabelecer uma transição entre o natural e o humanizado.

Para verificação das necessidades imediatas e estabelecimento de diretrizes de ação examinaremos, através de sectorialização, diversos fatos que influem na paisagem da faixa do Cinturão de Proteção do Parque Metropolitano de Itapua.

1. VEGETAÇÃO

O planejamento da vegetação deverá levar em conta:

- a) A conservação dos testemunhos do revestimento vegetal na maior escala possível.
- b) A presença da vegetação residual na área e a necessidade de um esforço de conservação dos elementos da vegetação natural e sua incorporação no projeto paisagístico.
- c) Toda implantação de construções deverá ser feita com o mínimo de destruição dos elementos da cobertura vegetal.
- d) Derrubadas, queimadas e terraplenagens excessivas que venham a prejudicar a vegetação residual deverão ser rigorosamente interditadas na fase da construção.
- e) Os desmatamentos se farão apenas nas quantidades e locais estritamente necessários para as implantações das construções, evitando-se qualquer forma supérflua de derrubada.
- f) Para os replantios escolher dentro das espécies mais representativas da flora regional as essências mais representativas, valorizando os elementos da flora autóctone que além do perfeito integração na paisagem regional oferecem condições biológicas de abrigo à fauna.
- g) Procurar quando do emprego de elementos vegetais introduzidos aqueles dotados de compatibilidade auto ecológica mas também formal em relação aos elementos autóctones.
- h) A arborização deverá ser constituída por maciços variando as essências que compõem em altura, volume, textura e cor, espaçados assimetricamente tendo como contraponto árvores isoladas.

2. TERRAPLENAGEM

Com relação a terraplenagem deverão ser levadas em conta as seguintes diretrizes:

- a) Respeitar as formas naturais do relevo regional.
- b) Reduzir as terraplenagens e os movimentos de terra ao estritamente necessário além de procurar por um remanejamento conveniente a compatibilização das novas formas criadas pela aposição dos elementos construtivos introduzidos na área com estrutura plástica do terreno natural.

4.

d) Os taludes de corte ou saias de aterro, além de satisfazerem as exigências de ordem geotécnica quanto a sua estabilidade deverão ser esteticamente adaptados a topografia local.

e) As cristas dos cortes deverão ser arredondadas. As saias dos aterros sempre que possível deverão ter conformação que as harmonize com o terreno natural. Deverão ser eliminados todos os torrões testemunhas.

f) Pequenas sobras de corte, de volume inexpressivo e antiestético devem ser eliminadas de modo a criar na topografia construída uma continuidade desejável e uma relação íntima com as características do terreno natural.

g) Todas as superfícies desnudadas pela terraplenagem deverão ser recompostas no prazo mais curto possível. Para tanto caberá ensaiar espécies pioneiras preparando o terreno para o repovoamento com espécies regionais mais exigentes e capazes de estabelecer a expressão paisagística regional.

h) As transições de corte para aterro devem ser suaves abolindo-se as ârestas e cicatrizes que prejudicam a paisagem.

i) Os pendentes dos taludes de corte e das saias de aterro deverão ser convenientemente conformados procedendo-se em seguida o seu recobrimento vegetal no sentido de impedir, nestes locais, a instalação de processos erosivos.

3. CANTEIROS DE OBRA

Marca normalmente a primeira etapa do processo de modificação dos caracteres topográficos e biológicos do sítio.

O planejamento do canteiro de obras deverá levar em conta:

- a) Seu dimensionamento dentro das necessidades reais evitando-se a solução bastante comum de hiper dimensionar criando zonas de extensas terraplenagens modificadoras do modelo regional, por vezes deixadas em ociosidade em relação às atividades que ali se realizam.
- b) Localização que facilite a preservação dos elementos da paisagem natural (cobertura vegetal, acidentes topográficos, linhas d'água, etc).
- c) Organizar acessos e caminhos de serviço minimizando em grau máximo compatível às intervenções do modelado (cortes, aterros, taludagem, etc.).
- d) Respeitar a vegetação natural incorporando-a ao conjunto como elemento de conforto climático e impedindo todas as modalidades de desmatamento supérfluo.

4. IMPLANTAÇÃO DE CONSTRUÇÕES E DO SISTEMA VIÁRIO

4.1 Sob o ponto de vista da paisagem natural, as construções a serem implantadas na área do Cinturão de Proteção do Parque Metropolitano de Itapua, deverão levar em conta os aspectos fisiográficos do local ai considerados em especial a topografia (declividade), e a vegetação.

4.2 A proposta arquitetônica considerará a possibilidade de se implantar buscando-se sempre de um lado uma maior adaptação às condições topográficas da área e de outro a possibilidade da preservação de elementos naturais no local da intervenção.

4.3 Em terrenos de declividade média deverão ser estudados tipos de implantação em níveis de modo a adequar às condições do local os elementos construídos.

4.4 Deverão ser tomadas medidas especiais de proteção da vegetação existente quanto a danos que possam ser causados pelos trabalhos de construção. Para tanto, a fiscalização deverá impedir a instalação de barracos, centrais de concreto, centrais de brita, áreas de estacionamento de equipamentos, etc. em zonas cuja vegetação se pretende preservar. Estas indicações deverão ser observadas quando da instalação dos canteiros da obra.

4.5 Os plantios do sistema viário do Cinturão de Proteção , objetivarão a consolidação das superfícies atingidas pela implantação da estrada, a proteção do solo contra a erosão, a delimitação dos espaços e medidas ligadas a segurança do tráfego.

4.6 Toda massa de vegetação existente ao longo do sistema viário nas faixas vicinais deverá ser objeto de recomendações

especiais no sentido de que os proprietários de lotes não venham a efetuar derrubadas dessa vegetação.

4.7 Os equipamentos de apoio permitidos no Cinturão poderão ser de uso privado porém todo o seu entorno será de uso público. Para isso dever-se-á assegurar uma continuidade no Cinturão caracterizado pela ausência de muros ou cercas de qualquer tipo, continuidade de caminhos de pedestres e espaços abertos interligados. A taxa de ocupação do solo deve ser de 20% para a área construída e 80% para uso público.

4.8 Qualquer proposta para construção na área do Cinturão deverá ser objeto de consulta prévia ao OCEPLAN. Para isso deverá ser apresentado pela parte interessada um estudo preliminar com predimensionamento e estudo de massa acompanhada de maquete de estudo para exame e aprovação da proposta da intervenção na área.

Aprovada a proposta deverá ser apresentada ao OCEPLAN um ante projeto de agenciamento da área constando de:

1. levantamento topográfico planialtimétrico da área com curvas de nível de M em M e com um mínimo de 40 pontos p/hectare. Neste levantamento deverá ser indicadas todas as massas de vegetação existentes na área;
2. cobertura fotográfica da área capaz de permitir ao Órgão regulador uma visão das características físicas do local;
3. Planta de situação indicando a área de intervenção e suas respectivas articulações;
4. plano geral de urbanização indicando circulações de veículos e pedestres, áreas de estacionamento, construções, iluminação e vegetação existente e proposta. Neste plano deverão ser indicados níveis e

"grades" de todos os elementos construídos do pro
jeto.

4.9 Os assentamentos populares existentes ao longo do Cintur
ão deverão ser preservados, porém contidos em seus limites
externos. As novas construções a serem propostas para estas
áreas deverão guardar as mesmas características de volumetria
e utilizar os mesmos materiais de construção empregados nas
habitações prê-existentes. O tamanho do lote nestes assentam
entos não poderão ser superior a $50m^2$.

As urbanizações futuras deverão levar em conta apenas
as melhorias de infra-estrutura de saneamento básico evitan-
do-se qualquer tipo de intervenção que resulte em valorização
imobiliária da área trazendo a expulsão dos atuais moradores
do local.